



NOVEMBRO-1906

+ ANNO III +
NUMERO II

ALFANDEGA N. 24
RIO DE JANEIRO

SUMMARIO

Chronica.....	Olavo Bilac.
Colosso vegetal.....	
A posse do novo presidente.....	
O novo governo.....	
As Obras do Porto e do Canal do Mangue	
O obelisco da Avenida Central....	
Santos Dumont.....	
Fajardo.....	Arthur Azevedo.
Professor Azevedo Sodré.....	Dr. Miguel Couto.
Feliz comedia.....	Maria Salomé.
Tradições.....	Mario Pederneiras.
Pau.....	Thomaz Lopes.
Ao chegar do verão.....	Gonzaga Duque.
O ribeiro.....	Coelho Netto.
Caixa de Amortisação.....	
O casamento de Gonzaga.....	Mario Behring.

Rs. 2\$000

FILTROS MALLIÉ

Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto

(THEORIA PASTEUR)

SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!

A maior facilidade para installação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.

Eis o que diz a analyse a que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

• A agua filtrada é de uma *limpezã perfeita* e de um *sabor agradável*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ahi viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil: — **A. ABREU & COMP.**

Rua da Quitanda N. 102 — Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro: — **A NOVA AMERICA E CHINA**

Rua do Ouvidor N. 39.

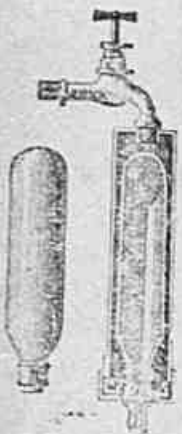
Depositarios em S. Paulo: — **MONTEIRO SOARES & COMP.**

Rua Direita — Canto do Viaducto.

ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES



(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

LOTERIA ESPERANÇA

ESTADO DO RIO

Extracções diarias em Nictheroy ás 2 horas da tarde

COM MAGNIFICOS PLANOS DE

<u>12.000\$000</u>	+	<u>25.000\$000</u>
<u>15.000\$000</u>	+	<u>50.000\$000</u>
<u>20.000\$000</u>	+	<u>100.000\$000</u>

OS PEDIDOS DEVEM SER FEITOS PELO NUMERO DAS EXTRACÇÕES

A Loteria Esperança é a unica que se extrahê pelo systema de urnas e espheras.

N. B. — De accordo com o art. 5.º da lei n.º 496 de 28 de Novembro de 1901, os bilhetes desta loteria estão isemptos de todo e qualquer imposto inclusive o sello do consumo.

O endereço para as remessas deve ser muito explicado afim de não haver extravio.

E' preciso citar logar, Estado, Estrada de ferro, etc.

Toda a correspondencia simples, registrada com ou sem valor deve ser dirigida á

COMPANHIA NACIONAL LOTERIAS DOS ESTADOS

RUA MARECHAL DEODORO, 29-A — NICTHEROY

MARC FERREZ

✦ MATERIAL PHOTOGRAPHICO ✦

96, Rua de S. José, 96

☉ ☉ RIO DE JANEIRO ☉ ☉

DUBONNET

☉ MELHOR APERITIVO ☉

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ALFANDEGA, 24
RIO DE JANEIRO

ANNO III

NOVEMBRO 1906



N. 11

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Chronica

ESTE mez foi intensamente, profundamente, essencialmente politico.

Tumulo de um periodo presidencial e berço de outro, novembro correu resoante de ovações de despedida e de ovações de boas-vindas. Os mesmos fardões de gala e as mesmas casacas, que se desempoeiraram e bruniram para as ultimas festas ao governo que morria, serviram depois para as primeiras festas ao governo que nascia. Grande e festivo mez !

Não se dirá d'elle que foi um mez "abysynio"... Não apedrejou o sol que expirava para agradar ao sol que surgia : teve flores e palmas para ambos ; e, se soube adular o novo presidente, soube tambem mostrar-se grato ao velho, ao que se retirava tendo prestado serviços á cidade e ao paiz.

Não é muito commum essa gratidão. Em geral os administradores, no dia em que acaba o seu poder, ficam sósinhos, insula-

dos, sem ter quem lhes diga uma palavra doce, nem quem, na hora suprema, lhes levante um *viva* entusiastico. É profundamente vergonhosa essa ingratidão, — mas é humana. É mais do que humana : é animal... Porque não é o homem o unico animal que, na hora da desgraça, abandona a casa amiga que até então lhe deu alimento e carinho. Tambem os ratos fogem do navio que corre perigo de naufragio ; tambem os gatos fogem da casa em que entra a miseria ; tambem os animaes parasitas fogem do corpo que a morte esfria... A proposito d'isto, lembro-me uma phrase de certo amigo meu, num dia em que passavamos em frente ao palacio do Cattete. Era no inicio de um periodo presidencial. Havia muitos carros á porta do palacio, e muita gente que entrava e sahia, numa azafama febril. "Estás vendo aquillo?" — disse o amigo — "quando chegar o fim do quatriennio, toda essa gente terá desaparecido : e só um animal ficará fiel ao presidente, vindo postar-se á porta do palacio... Será um passaro o ultimo amigo do sol no occaso..." — "Que passaro?" — perguntei espantado. "Que passaro?" a *andorinha*, que ha-de vir buscar-lhe os moveis..."

Felizmente, essa ingratidão não se revelou agora. Rodrigues Alves teve, no dia da sua partida para S. Paulo, uma estrondosa manifestação de apreço. Toda a cidade saudou com entusiasmo o seu Saneador: e o illustre brasileiro deve ter sentido bem quanto era espantosa, quanto era sincera e cordial aquella retumbante aclamação que reboou na Central, acompanhando o wagon que o levava a Guaratinguetá, ao lar e ao descanso, depois de quatro annos de um glorioso e fecundo trabalho. Dos quatro presidentes que governaram antes d'este, só Prudente de Moraes, o Pacificador, teve igual despedida. Campos Salles teve a tarefa ingrata de concertar as nossas finanças estouradas, e foi obrigado a fazer uma administração de obscuro labor, sujeitando-se a uma impopularidade inevitavel. Deodoro sahio do poder em plena revolução. Floriano, ao sahir, deixou o paiz em plena guerra civil... O primeiro presidente popular foi o velho Prudente: e, depois d'elle, era justo que fosse amado do povo este, que, no curto governo de dois pares de annos, rejuvenesceu e embelezou a capital da Republica, multiplicou pelo interior do paiz as estradas de ferro, decretou a construcção dos portos que a nossa vida commercial reclamava, — e elevou no estrangeiro o nome do Brasil, tornando-o respeitado e admirado.



Quantas vezes terá sido executado, neste mez de novembro, aqui e por ahi fóra, em S. Paulo, torrão do ex-presidente, e em Minas, berço do presidente actual, — o nosso vibrante e admiravel *Hymno Nacional*, essa estupenda composição que nenhum brasileiro pôde ouvir sem um calafrio de entusiasmo?

Mil vezes, talvez... Nada sabemos fazer sem o *Hymno Nacional*. Usamos e abusamos dessa musica patriotica, sem termo nem medida, e, ás vezes, nas menos apropriadas das occasiões. O Presidente da Republica não pôde dar um passo, sem que uma banda de musica o saude com a harmonia bellica da musica de Francisco Manoel; com o hymno nacional se abrem e

fecham todas as solemnidades publicas; não ha inauguração ou commemoração que o dispensem; e é bom lembrar que, ainda ha poucos annos, as "cortezias" das quadrilhas de bandarilheiros e capinhas, na Praça de Touros, eram feitas ao som d'essa marcha patriotica...

Já não é tão grande o abuso, actualmente. Mas, ainda ha dois ou tres dias, passando á noite pela Avenida, encontrei a "banda allemã" (um horror!) que esganiçadamente se esfalfava a executar essa musica martyr.

Ainda seria perdoavel o excesso, se o hymno sempre fosse correctamente executado. Mas cada banda tem o *seu* hymno nacional. A's vezes é um canto de guerra, outras vezes é um dobrado languoroso. A's vezes, é triste e arrastado como uma musica de cantochão; outras vezes, é repinicado e pelintra como um *jongo*. A imaginação de cada instrumentador e a fantasia de cada regente vão assim inventando uma infinita multidão de variantes do *Hymno Nacional*...

Ora, é evidente, é intuitivo que o Hymno de uma nação não pôde estar exposto a essas adulterações. Ninguem admittiria que os fabricantes de bandeiras introduzissem alterações na forma da bandeira nacional, dando, por exemplo á esphera azul a côr verde, mudando para azul o amarello do losango e para amarello o campo verde do fundo do pavilhão. No dia em que um sir-gueiro se lembrasse de pôr em pratica uma tal innovação, a policia apprehenderia, com justiça, todas as bandeiras nacionaes assim alteradas... Se esse respeito merece a bandeira, porque não ha-de tambem merecel-o o hymno, que é tão sagrado, e deve ser tão inviolavel como ella?



Foi contra esse abuso que nobremente se insurgiu, ha alguns dias, o nosso illustre e querido maestro Alberto Nepomuceno, com o seu duplo direito e duplo dever de artista e de director do Instituto Nacional de Musica. Felizmente, Nepomuceno não

se limitou a protestar platonicamente: dirigiu-se, em documento official, ao ministro do Interior, e referiu-lhe o que acabava de observar :

“Achando-me presente, por dever de meu cargo, á recepção do Palacio presidencial no dia 15 de Novembro, tive occasião de ouvir á chegada do Exm. Sr. Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, que vinha de ser empossado nas altas funcções do cargo de Chefe do Estado, o Hymno Nacional, executado successivamente por tres bandas militares postadas no saguão do Palacio. Impressionou-me desagradavelmente o facto de a banda que executou o Hymno em segundo lugar e que, fui informado, era uma das da Brigada, fazel-o com uma variante melódica positivamente errada, pois que se achava em evidente desaccordo com a harmonia do acompanhamento, com o qual absolutamente não se compadecia.”

Como se vê, até pelas bandas militares o *Hymno Nacional* é adulterado ! Que não fará a pavorosa e medonha “banda allemã”, e que não farão as desafinadas e rangedoras bandas, orchestras e philarmonicas, que, por este vastissimo Brazil, vivem todos os dias a executar o nosso misero hymno ? Aqui está um caso em que o verbo *executar* pode ser empregado em mais de um sentido : — o nosso hymno é frequentemente submettido a uma execução... capital !

Alberto Nepomuceno continúa d’este modo a sua exposição :

“Tratando-se de um dos symbolos da patria, de antigas tradições, já vindo do antigo regimen e conservado pelo decreto n. 171, do Governo Provisorio, de 20 de Janeiro de 1890, penso que qualquer vicio que nelle occorra, por defeito de cópia, deve ser immediatamente corrigido, assim como qualquer alteração, sem a authorisação do poder competente, constitue falsificação de documento publico e como tal devem ser punidos os seus autores. A instrumentação mesma do Hymno deve ser apropriada á natureza do conjuncto musical militar adoptado officialmente, banda ou fanfarra, assim como para orchestra, pois que as differenças que possam existir em

instrumentação de procedencias diversas podem dar lugar a variantes, sejam harmonicas, melódicas ou rythmicas, perturbadoras em sua essencia da integridade do pensamento do autor, e, portanto, da lei. Peçovos, pois, permissão para lembrar-vos a conveniencia de providencias no sentido de os Hymnos Nacional e da Proclamação da Republica, serem executados como fielmente se contêm nos exemplares que devem existir no Archivo Publico, e caso não haja taes exemplares, a profissionaes de competencia officialmente reconhecida deve ser confiada a tarefa de instrumental-os, devendo ser tal instrumentação, depois de impressa, depositada no referido Archivo.”



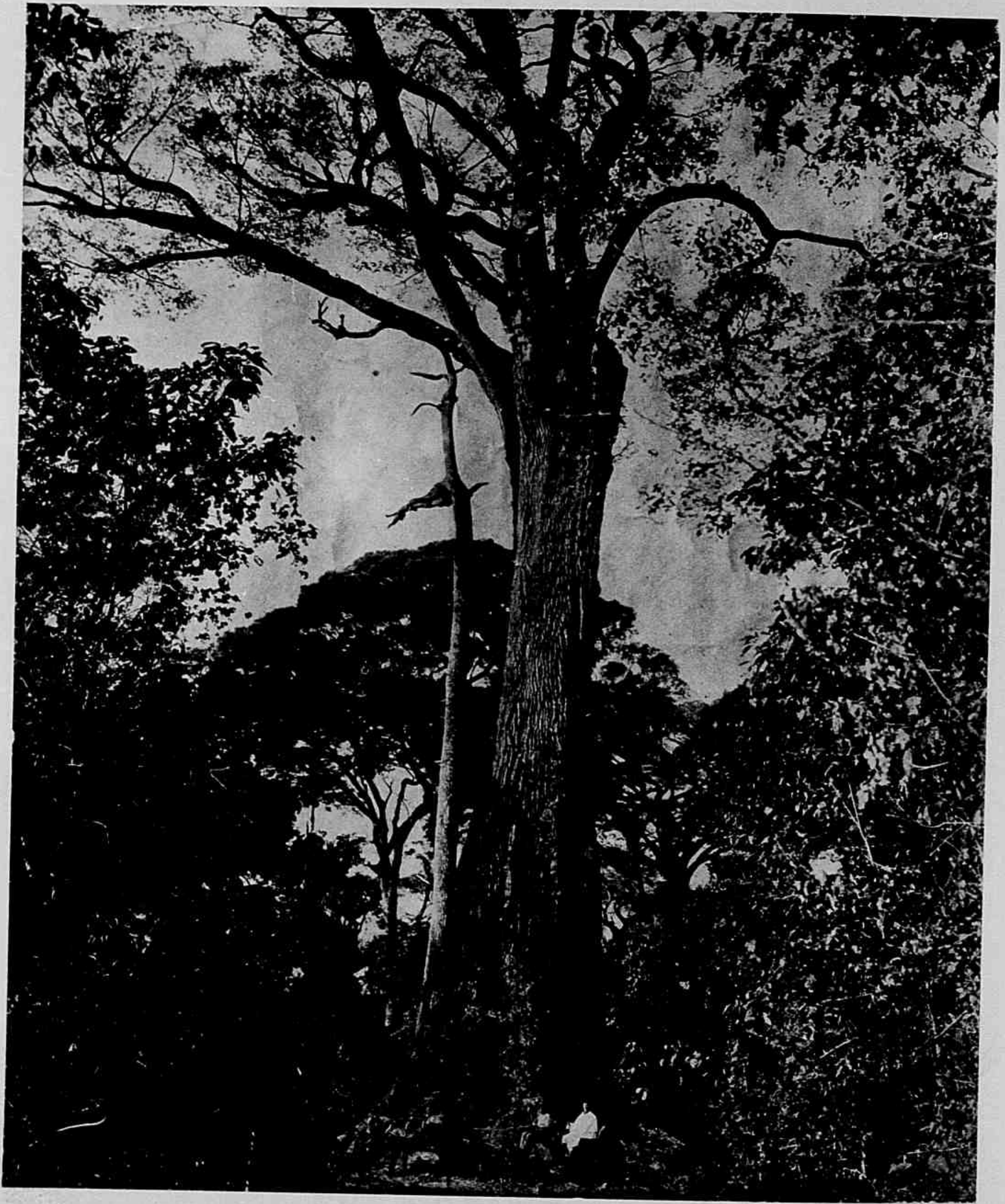
E’ de esperar que tal protesto, — partindo de um artista, que além da responsabilidade pessoal que lhe impõe o seu nome admirado, ainda tem autoridade maior, como director que é do nosso unico Instituto Official de Musica, — seja recebido e estudado, como merece, pelo ministro.

A occasião não podia ser melhor... Durante as festas e ceremonias da passagem do governo, o brilhante e veneravel trabalho de Francisco Manoel andou por ali soffrendo mil córtes, augmentos, mutilações, accrescimos, profanações e estragos. O *Hymno Nacional*, se fosse gente, estaria a esta hora no hospital, e, se fosse navio, estaria no dique, curando as contusões e reparando as avarias soffridas no correr d’esse torturante periodo de cerimonias e festas...

Fiquem as nossas bandas, e nossas orchestras com o direito de modificar á vontade a harmonia, a melodia, o rythmo, o andamento de todas as operas, operetas, quadrilhas, polkas, walsas e tangos de todos os paizes e de todos os tempos. Se quizerem a toda a força estragar alguns hymnos, atirem-se contra os hymnos estrangeiros ! Mas poupem o *Hymno Nacional*, que, como escreveu o eminente director do Instituto de Musica, é um documento publico, cuja falsificação pode e deve ser punida com todo o rigor.

O. B.

COLOSSO VEGETAL

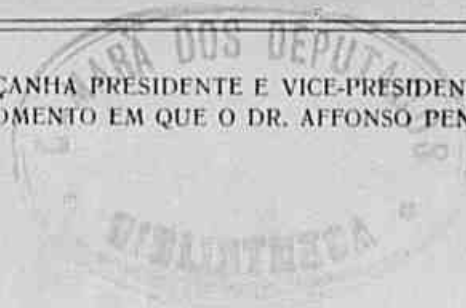


JEQUITIBÁ — ESTADO DE S. PAULO. 24 METROS DE CIRCUMFERENCIA A 2 METROS ACIMA DO SOLO — 60 METROS DE ALTURA

SENADO FEDERAL



OS DRS. AFFONSO PENNA E NILO PEÇANHA PRESIDENTE E VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA
TOMAM POSSE DE SEUS CARGOS. INSTANTANEO FEITO NO MOMENTO EM QUE O DR. AFFONSO PENNA LÊ O COMPROMISSO CONSTITUCIONAL.



○ NOVO GOVERNO ○

PRESIDENTE



Dr. Affonso Augusto Moreira Penna

Nascido em Minas Geraes (Santa Barbara) em 30 de Novembro de 1847 — Conta portanto 59 annos. Bacharel e Doutor em Direito pela Faculdade de S. Paulo em 1870-1871. Deputado provincial e geral em diversas legislaturas. Ministro da Guerra, Agricultura e Justiça em tres gabinetes do Imperio presididos por Martinho Campos, Laffayete e Saraiva. Senador estadual, resignou a cadeira por não concordar com o golpe de Estado de 3 de Novembro. Presidente do Estado de Minas em 1892-1894. Presidente do Banco da Republica em 1895-1898. Vice-presidente da Republica em 1902-1906. Para conhecer das necessidades dos Estados empreheudeu longa e exhaustiva viagem de que regressou pouco antes da posse. Espirito calmo, ponderado, reflectido, fiel zelador das velhas tradições da probidade mineira, muito espéra o paiz do seu governo.

VICE-PRESIDENTE



Dr. Nilo Peçanha

Nasceu no Estado do Rio (Campos) em 1868; foi ardoroso paladino das idéas republicanas. Deputado ao Congresso Republicano Constituinte e depois em successivas legislaturas, Senador em 1904 e nesse mesmo anno Presidente do seu Estado natal.

Orador ardente e impetuoso, revelou-se como administrador adoptando as idéas de expansão economica que vem pregando os mineiros e que agora põe em pratica no Estado o Dr. João Pinheiro, fazendo parte da plataforma presidencial do Dr. Affonso Penna. Restaurador das finanças do seu Estado e feliz propugnador de novas culturas em substituição á do café.

No posto de vice-presidente espera-se seja um leal auxiliar do venerando mineiro.



MINISTRO DAS RELAÇÕES
EXTERIORES

MINISTRO DA FAZENDA



Barão do Rio Branco

Nasceu nesta Capital a 30 de Abril de 1845. Bacharel em direito por S. Paulo. Deputado geral em 1869-1875 por Matto Grosso. Jornalista brilhante, redigiu *A Nação*. Ministro das Relações Exteriores em 1902-1906, continuou no governo a trabalhar pela resolução dos litigios que teve o Brasil com varios paizes limitrophes, conseguindo-o com felicidade. Os successivos triumphos da diplomacia brasileira que elle iniciou com as Missões e Amapá fechando no extincto governo com o 3º Congresso Pan-Americano são as melhores seguranças de que no actual periodo presidencial se concluem com felicidade todas as nossas pendencias internacionaes. E foi assim pensando que o Dr. Affonso Penna convidou-o a continuar no cargo que vem brilhantemente exercendo ha 4 annos.



Dr. David Moretzohn Campista

Nascido nesta cidade em 22 de Janeiro de 1863, bacharelou-se em S. Paulo em 1883. Deputado á Constituinte em 1891 e depois á legislatura ordinaria. Secretario da Agricultura do governo Affonso Penna, impulsionou grandemente a immigração e construcção de vias ferreas. Em 1894 foi como Delegado do Estado para a Europa de onde voltou em 1898 para assumir o cargo de Secretario das Finanças do governo Silviano Brandão.

Deputado federal em 1902-1906, conquistou proeminente posição na Camara pela sua eloquencia original em que os argumentos fluem de envolta com a *verve* ironica que sempre desnozteou os seus adversarios da tribuna. Amigo leal do novo presidente o departamento que dirige ha de forçosamente reflectir o brilho de sua intelligencia aprimorada.

MINISTRO DA JUSTIÇA
E NEGOCIOS INTERIORES



Dr. Augusto Tavares de Lyra

Nascido no Rio Grande do Norte em 25 de Dezembro de 1872. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife; Lente de Historia do Lyceu Norte Rio Grandense. Deputado federal em diversas legislaturas, fez-se notar por seu profundo amor ao trabalho, competencia e erudição; foi membro da Commissão do Codigo Civil; exercia ao ser convidado para o cargo de Ministro do Interior a presidencia do seu Estado natal que muitos beneficios lhe fica a dever. Muito moço ainda de uma lhaneza e affabilidade que logo attrahem as sympathias dos que se lhe acercam unindo a isto uma grande firmeza de character, certamente os diferentes departamentos de sua secretaria muito terão a lucrar de sua activa e intelligente acção. Cultor extrenuo do direito cabia-lhe bem a pasta da justiça.

MINISTRO DA INDUSTRIA,
VIAÇÃO E OBRAS PUBLICAS



Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

O Benjamin do Ministerio. Nasceu na Bahia em 18 de Setembro de 1878. Formou-se em 1900 na Escola Polytechnica do Rio, tendo feito um brillantissimo curso, obtendo a *medalha de ouro* Gomes Jardim. Lente da Escola Polytechnica da Bahia. Secretario da Agricultura no governo Severino Vieira, dedicou todos os seus esforços em prol da lavoura de seu Estado, reorganizando o ensino agricola, fundando o campo viticola de Joazeiro, buscando debellar a crise assucareira de forma a provocar os mais calorosos applausos. Deputado federal na presente legislatura foi escolhido para occupar a pasta da viação, na qual tem larga margem para farta messe de novos triumphos. Seu amor ás questões agricolas que estudou aqui e em dilatada viagem, no Oriente, fal-o-á excellente executor das promessas da mensagem presidencial referentes ao assumpto.



MINISTRO DA MARINHA

MINISTRO DA GUERRA



Contra-Almirante Alexandrino de Alencar



Marechal Hermes da Fonseca

Natural do Estado do Rio Grande do Sul, nascido em 12 de Outubro de 1850.

Um dos mais competentes e cultos dos nossos officiaes de mar, tem uma fé de officio de grande brilho, cheia de elogios ao desempenho das commissões que exerceu desde que assentou praça em 1865. De sua administração muito ha a esperar agora, que se trata de completar o nosso material naval tão desfalcado. As encommendas já feitas na Europa, certamente merecerão todos os seus cuidados, de modo a dotar a nossa marinha dos elementos de que ella necessita.

Passou o Marechal Hermes da Fonseca, nascido em 12 de Maio de 1855 no Rio Grande do Sul de commandante do 4º Districto Militar para o arduo posto de Ministro da Guerra. Sua longa e brilhante fé de officio, mostra o militar correcto e disciplinado, e disciplinador o revela a serie de commandos que exerceu com honra.

Tendo feito tanto como commandante do Districto junto a um ministro de orientação acanhada, é natural que agóra lhe caiba reorganizar por completo o nosso exercito, tanto mais quanto deixou como seu substituto no Districto um dos nossos mais completos typos de militar, o general Mendes de Moraes, cuja cooperação produzirá certamente admiraveis resultados no departamento da guerra.

PREFEITO DO DISTRICTO FEDERAL

CHEFE DE POLICIA



General Francisco Marcellino de Souza Aguiar

Depois de um Prefeito como Pereira Passos difficil seria a um governo amigo desta cidade escolher seu substituto. Foi o Dr. Affonso Penna procural-o nessa familia Aguiar que tão brilhantemente vem occupando salientes posições em nossa administração.

Profissional cuja competencia attestam esse Quartel do Corpo de Bombeiros da Praça da Republica, o Palacio Monróe surgido como por encanto na Avenida e o edificio ainda em construcção da Bibliotheca Nacional, como administrador foi consagrado em sua passagem pelo Corpo de Bombeiros e Direcção dos Telegraphos. Representante do Brasil no certamen internacional de S. Luiz, os magnificos resultados pelo paiz colhidos nessa exposiçáo em magna parte lhe são devidos. A obra fecunda de Pereira Passos, podemos ficar certos, será continuada pelo emerito general Aguiar. Tem 51 annos o novo Prefeito.



Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello

E' filho de Pernambuco, em cuja capital nasceu e bacharelou-se em Direito. Fixou residencia no Estado de Minas, ali exercendo varios cargos de magistratura; em 1894 foi nomeado Chefe de Policia do Estado pelo seu Presidente Dr. Affonso Penna, nesse cargo se conservando no governo Bias Fortes. Deputado federal em 1896 – 1902 pelo Estado de Minas. Foi Membro da Commissão do Codigo Civil, e é o autor da famosa lei n. 628, de 1899, sobre o jogo e delictos contra a propriedade. Muito affavel, o novo Chefe de Policia, goza de grandes sympathias nesta Capital, que, de sua energia assás comprovada, muito espera para o seu bom policiamento, sempre tão descurado.



As Obras do Porto e do Canal do Mangue

NO

TRIENNIO DE 1903 A 1906

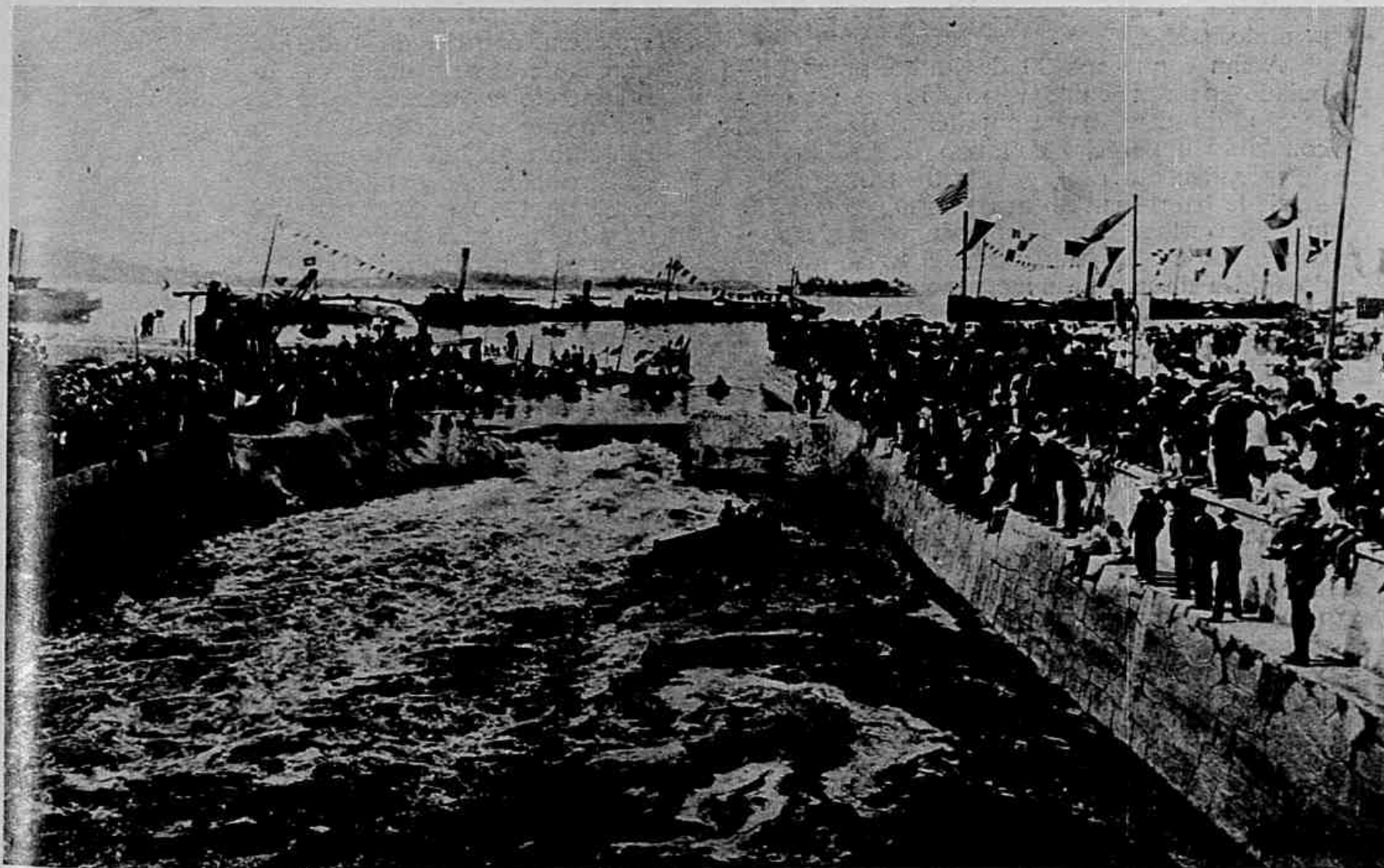
SEU ESTADO ACTUAL

EM cumprimento do seu vasto e patriótico programma o Governo transacto, escudado na lei orçamentaria votada para o exercicio de 1903 deu inicio ás obras do porto do Rio de Janeiro, um dos maiores e mais necessarios empreendimentos nacionaes, tendo previamente decretado um conjunto de medidas indispensaveis para que a sua execução se realisasse sem tropeços, dispondo-se de fartos meios financeiros, feito um contracto com uma firma empreiteira das mais idoneas, e submittidos todos os trabalhos á fiscalisação ou á administração de uma commissão composta de engenheiros dos mais aptos e distinctos.

O plano geral dos melhoramentos não só comprehendia um caes acostavel pelos navios do maior calado com 3500 metros de desenvolvimento, um canal de 150 metros de lar-

gura inicial, dragado ao longo delle, para mais tarde ser ampliado para 250 metros e o aterro de toda a superficie do esteiro encerrado entre o litoral e a linha do caes projectado, trabalhos estes contractados com os Srs. C. H. Walker & C. para serem concluidos até 30 de Junho de 1910, como tambem provia de soberbas communições com a cidade as extremidades da extensa faixa de 100 metros de largura, abrangendo a rua marginal destinada ás vias ferreas e aos guindastes rodantes, uma serie de armazens com 35 metros de fundo e uma ampla Avenida de 40 metros. Estas vias de communição eram de um lado, na Prainha, a Avenida Central, cuja construcção, tendo sido incumbida a uma Commissão especial chefiada pelo illustre Dr. Paulo de Frontin foi levada a termo com brilhante exito, e de outro lado a dupla Avenida margeando o Canal do Mangue, no seu prolongamento, cujas obras foram executadas administrativamente por uma das secções da Commissão do porto.

Em 29 de Março de 1903 inaugurava-se com grande solemnidade o inicio das obras do porto pela dragagem da enseada da Saude em frente ás Docas Nacionaes, e só em 1 de Maio de 1905, isto é dous annos depois, celebrava-se festivamente a inauguração do caes,



CANAL DO MANGUE (ENTRADA DAS AGUAS DO MAR)

sendo fixado ao paramento externo da muralha, em um dos dois blocos, que já então emergiam das aguas uma placa commemorativa de bronze. O periodo relativamente longo que medeiu entre estes dous actos de inauguração foi devido á necessidade de ter a empreza contractante não só de encomendar na Europa os andaimes fluctuantes, de complicada structura, destinados á construcção do caes, além dos primeiros caixões e das enseccadeiras, como tambem de aqui estabelecer installações convenientes, quer para a montagem de todos esses apparatus, quer para o preparo e concertos da numerosa flotilha ao seu serviço, e exploração em grande escala de pedreiras; e tudo isto realizou de um modo completo na ilha de Santa Barbara, que lhe foi cedida pelo Governo até findar-se o prazo do contracto, e no estabelecimento da Ponta da Arêa, cuja propriedade ella adquirio.

A demora havida foi porém rapidamente resarcida, depois que entraram em serviço os dois andaimes fluctuantes, trabalhando simultaneamente, cada um em levantar um dos blocos de cerca de 25 metros de comprimento, de que se compõem o massiço da muralha, e accelerando-se o trabalho á medida que o pessoal de trabalhadores se foi amestrando nos diversos mistéres, e principalmente nos serviços que exigiam o emprego do ar comprimido.

Assim é que aos 30 de Junho, prazo estipulado para a entrega ao Governo da 1ª secção do caes, os empreiteiros já haviam concluido um trecho continuo de 500 metros de muralha, e a dragagem a 8 metros, sob o nivel de baixa-mar, do canal ao longo do caes, mas faltava-lhes completar o aterro correspondente, isto em consequencia de ter-se aventado a idéa de substituir as terras do morro do Senado, affectas pelo contracto ás obras do porto pelas do morro do Castello; idéa que afinal não se realizou por envolver despeza muito mais consideravel.

O dia 8 deste mez de Novembro foi por fim marcado para a cerimonia da entrega da 1ª secção pelos Srs. Walker & C.; atracou então pela primeira vez ao novo caes um grande vapor: o *Goyaz*, do *Lloyd Brasileiro* e o passado Presidente da Republica, o benemerito Dr. Rodrigues Alves, acompanhado pelos membros do seu governo e outras altas auctoridades, foi o primeiro a descer de bordo para o novo caes, cortando a fita symbolica de cores nacionaes, preza entre dois postes de amarração precisamente no ponto, onde 18 mezes antes fôra fixada a placa commemorativa da inauguração dos trabalhos do caes.

Ao mesmo tempo que a Empreza contractante perfazia com brilho a primeira parte

de sua colossal tarefa, sob a minuciosa e desvelada fiscalisação dos engenheiros da grande commissão, outra secção da mesma esforçava-se, vencendo grandes e numerosas difficuldades, por adiantar sufficientemente as obras do Canal e Avenida do Mangue a ponto de, no dia marcado para a entrega dos primeiros 500 metros de caes, poder dar entrada ás aguas do mar no novo leito do canal, apezar de neile ter-se de manter, por algum tempo mais, a travessia em aterro das linhas provisórias da Central do Brasil; tambem pela mesma occasião abria-se ao transitto publico a Avenida da Margem direita do canal, na extensão de mais de 1500 metros, quasi toda macadamizada, com os passeios arborizados, e o contiguo ao canal todo calçado a lagedo artificial de cimento, tendo sido rematado o capeamento do muro por uma balaustrada de ferro de bellissimo effeito; demais ao longo do velho trecho do canal, na extensão de quasi 1200 metros de cada lado do canal, entre as filas de palmeiras que o ornam, novas ruas, perfeitamente asphaltadas, inauguravam-se, sendo uma dellas percorrida pela primeira vez pelos carros e automoveis da comitiva presidencial.

Junto ao novo caes já estava erguido, no dia da festa inaugural, e em adiantada construcção, dentro da faixa de 35 metros de largura dos futuros entrepostos alfandegados, um armazem coberto de ruberoid e revestido de grades de ferro estirado, promptas a receber o concreto e prezas aos esteios de madeira, fortemente apoiados sobre uma base de enrocamento e de uma camada de concreto. Esta construcção, occupando uma area coberta de cerca de 1250 metros quadrados foi executada administrativamente pela Commissão, com o character provisorio, tendo em vista que o terreno artificial, ainda não completamente acamado, não poderá supportar as construcções definitivas se não passado algum tempo, depois de prompto.

No dia da inauguração da 1ª secção do caes de 500 metros de extensão, já se achavam construidos até o capeamento 760 metros de muralha, incluindo-se a entrada para o Canal do Mangue, sendo que mais 100 metros estavam com as fundações terminadas ou com as alvenarias em andamento dentro das enseccadeiras. Para isto empregaram-se 34 caixões, fundados pelo processo Hersent de ar comprimido, empregado em Antuerpia, e actualmente muito aperfeiçoado neste porto.

As fundações attingem em toda a parte o terreno resistente e incompressivel, isto é: rocha, pedra em decomposição, ou areia grossa,

Commissão-Fiscal Administrativa das Obras do Porto



a profundidades variaveis de 10^m,553 a 12^m,985 sob o nivel médio do mar até o caixão n. 29, notando-se que é de 12^m,50 a altura normal da muralha do typo adoptado, contada abaixo do referido plano de referencia; em alguns desses caixões foi mister praticar por meio de minas pequenos córtes em rocha, de maneira a poder nivelal-os. Os dois andaimes fluctuantes foram, a principio, desenvolvendo o seu trabalho a partir de um ponto em direcção aos extremos; chegando, porém, um delles além do canal do Mangue, quasi em frente á rua S. Christovão, passou a servir do lado da Gambôa, para preparar o bloco n. 35, onde para attingir o terreno firme foi necessario aprofundar as fundações até á cota de 17^m,57 sob maré média, motivando este facto extraordinarias difficuldades de execução que foram felizmente vencidas, e que justificam plenamente a modificação ultimamente adoptada para a muralha, de maneira a ser ella erigida sobre uma larga base de enrocamento com prévia dragagem até o terreno resistente.

A dragagem do canal, com 150 metros de largura provisoria em frente ao caes em construcção foi executada não só na 1^a secção, como na 2^a de 600 metros, entrando-se na 3^a, sendo extrahido e levado até á ilha Raza um volume total de 2.648.889 metros cubicos de lodo com mistura de areia e de tabatinga. Além disto 176.225 metros cubicos, de areias limpas foram extrahidas de um banco ao Sul da ilha das Cobras e aproveitadas na formação do terrapleno atraz do caes. Foram empregados nestes serviços tres grandes dragas, podendo escavar por hora de 224 a 250 metros cubicos de areia, sete batelões a vapor, da capacidade de pouco mais de 400 metros cubicos cada um, uma draga de sucção e tres grandes chatas preparadas para o transporte de areia, rebocadores e uma barca d'agua.

Emquanto as obras do porto eram executadas pelos contractantes C. H. Walker & C. sob a fiscalisação da Commissão, as do Canal do Mangue e das Avenidas marginaes o eram administrativamente. Em dois annos e meio de trabalho effectivo acham-se estas em via de conclusão, faltando apenas a ligação da muralha da margem esquerda do Canal com o caes e dous curtos trechos de muralha junto ao grandioso viaducto da E. de F. Central, pelo qual dentro em breve passarão as quatro vias de sua linha principal; e nas avenidas, resta ainda completar algum aterro e o calçamento da da margem esquerda.

Nestas obras foram executadas até fins de Outubro passado as seguintes quantidades de trabalho:

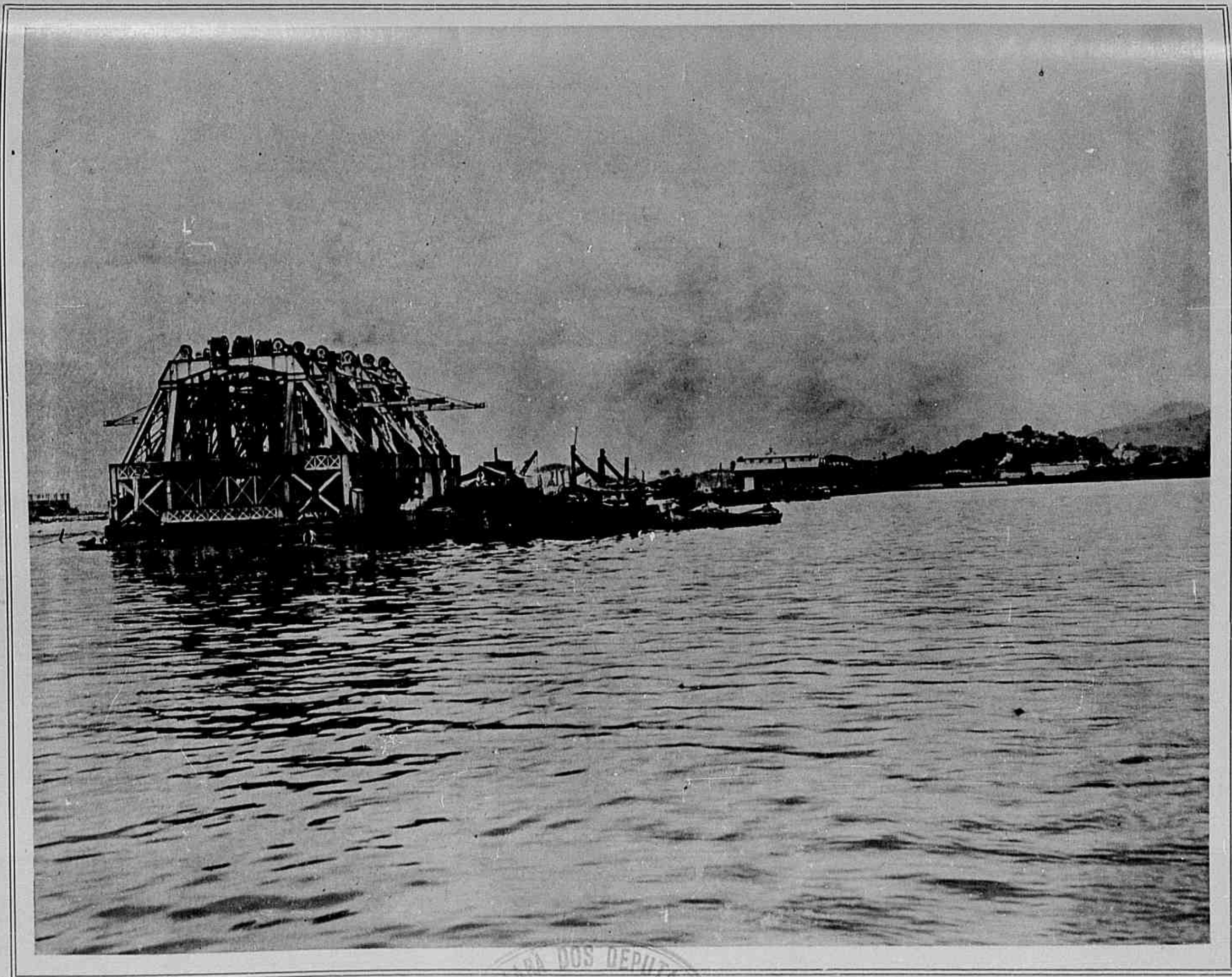
Escavação para fundações . . .	95.984 m ³
Escavação para a abertura do canal	119.114 m ³
Aterros das Avenidas	105.424 m ³
Concreto nas muralhas	29.218 m ³
Alvenaria de pedra secca	12.139 m ³
Alvenaria com argamassa de cimento	20.281 m ³
Estacas fideadas para as fundações	2.422
Area calçada a asphalto	27.000 m ²
Montagem de 11 superestructuras metallicas de pontes	1.280 tons.

No trajecto em curva entre a antiga ponte dos Marinheiros e a travessia da E. de F. Central accumularam-se grandes difficuldades, provenientes não só da natureza do terreno, como da circumstancia de ser necessario desviar encanamentos de ferro de grande diametro do abastecimento d'agua á cidade e da Companhia do Gaz, substituir um de 0^m,80 das aguas que passavam sob pilares de alvenaria junto á Central, por dous de 0^m,50, de maneira a poderem caber nos vãos, que sob os passeios separam as vigas da nova ponte de Villa-Izabel.

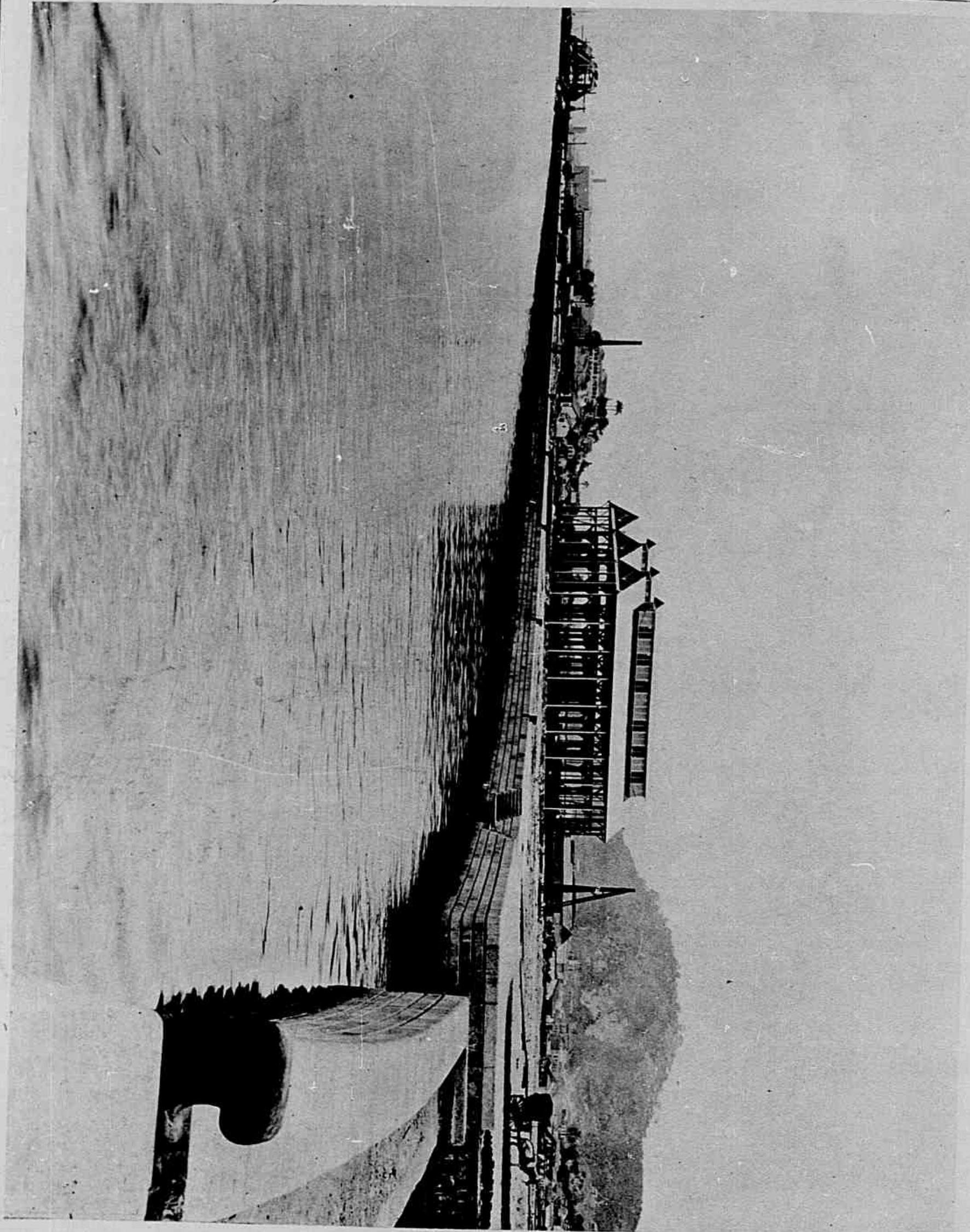
A abertura do canal foi executada por meio de um excavador montado sobre um cableway, cujas torres de 15 metros de altura distam entre si cerca de 100 metros; sendo que o emprego deste processo permittiu effectuar a excavação de um modo muito rapido e economico. Tambem a aquisição e montagem de um grande britador americano do systema Austin foi uma acertada medida, conseguindo-se por preço modico fabricar até 200 metros cubicos de macadam por dia, o que muito facilitou e accelerou o preparo do concreto e a macadamisação da Avenida.

A extensão total do Canal do Mangue até o mar é de 2.704 metros, e a faixa, occupada pelo canal e pelas avenidas lateraes na recta, comprehendida entre a travessia da E. de F. Central e o mar têm a grande largura de 94 metros.

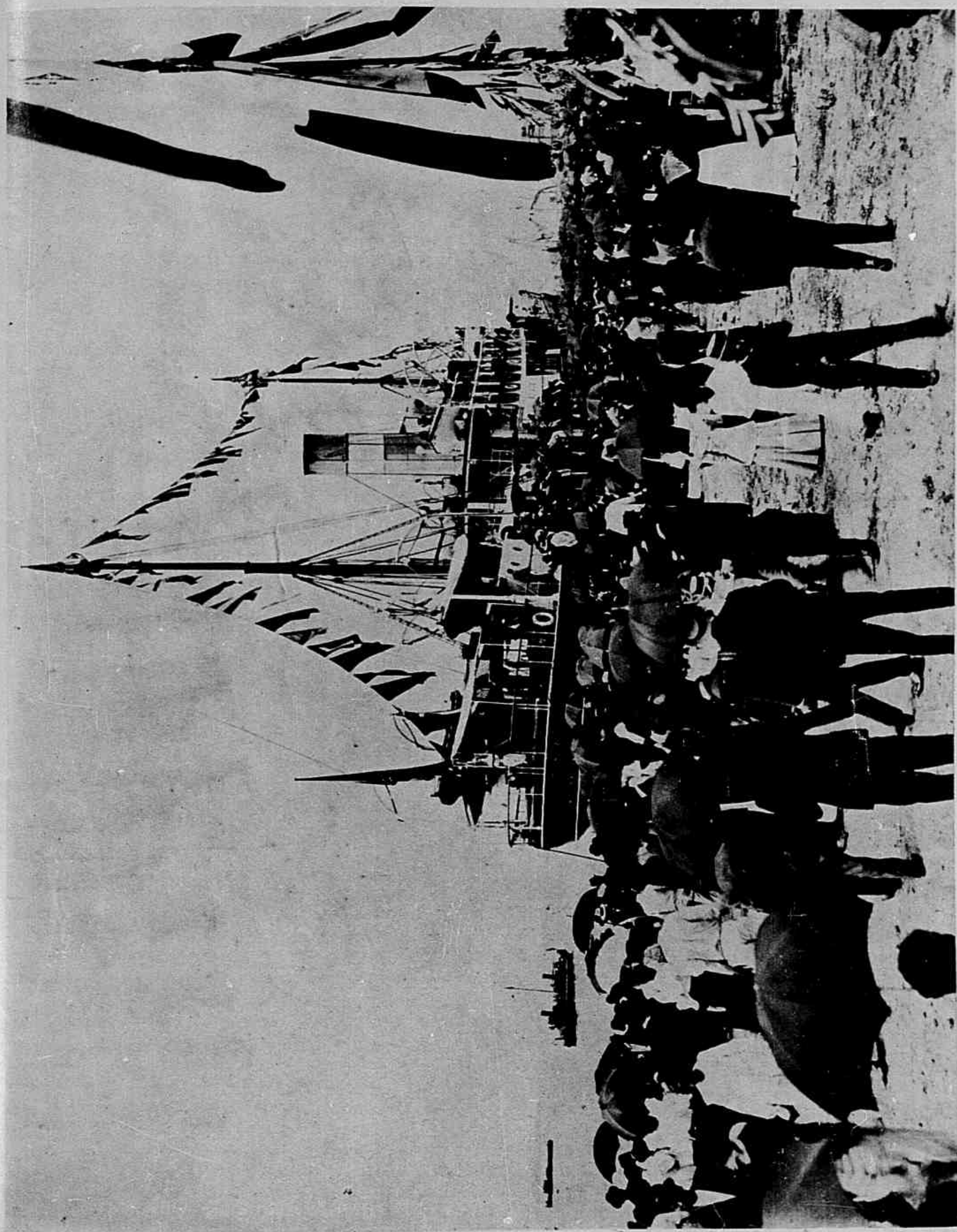
As amplas e bellas alamedas, assim creadas, unem-se a futura Avenida do Porto, a qual, tambem arborizada percorrerá, ao longo do caes em construcção, com 40 metros de largura, a distancia de 3.300 metros que separa o Canal do Mangue da Prainha; neste ponto entronca-se por sua vez a Avenida Central, atravessando a cidade commercial de mar a mar. Assim dentro de quatro annos, concluidas as obras do porto se estabelecerá uma via de communicação de rara grandeza e opulencia com cerca de oito kilometros de desenvolvimento, a rivalizar com a formosa Avenida Beiramar.



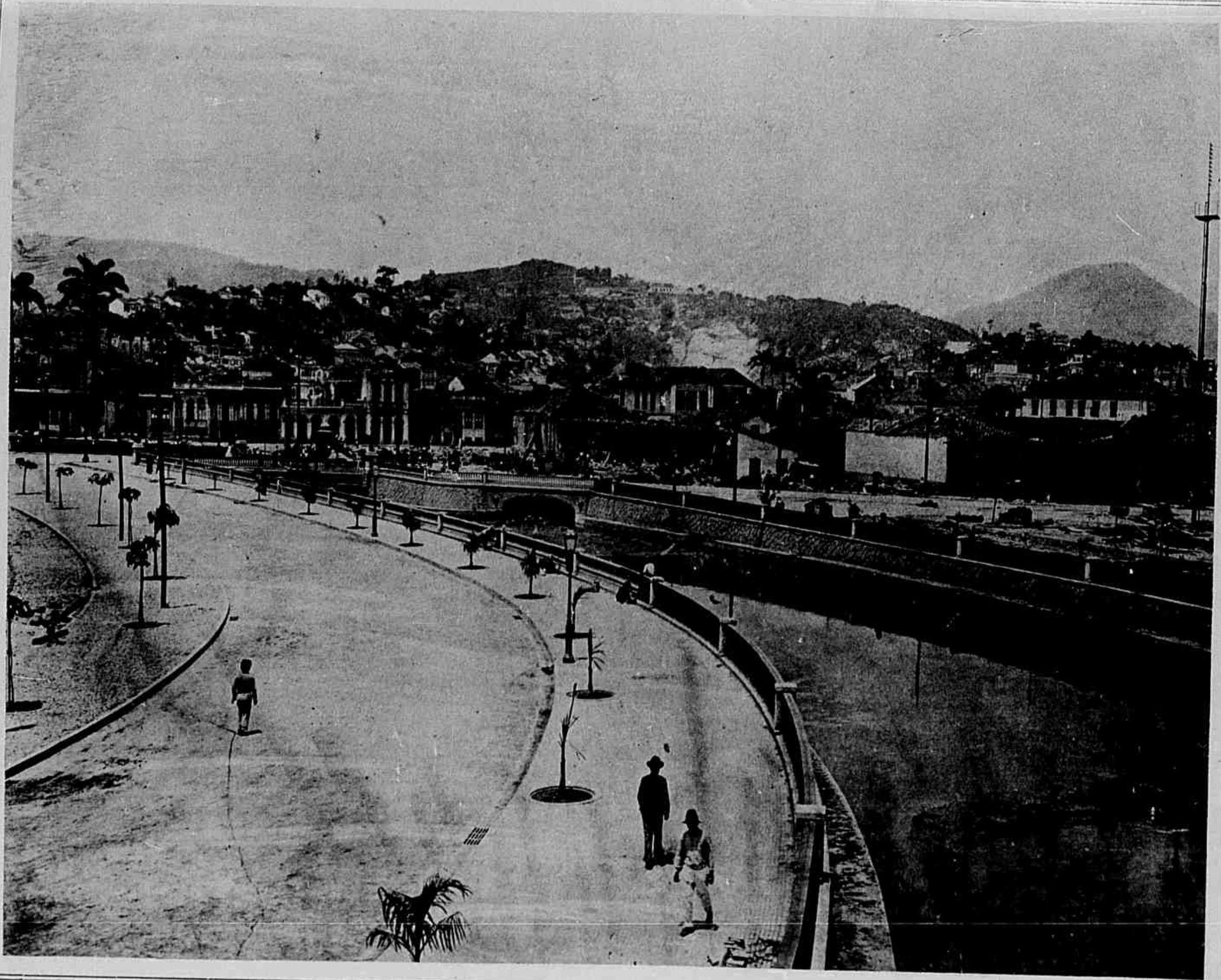
OBRAS DO PORTO — O ANDAIME FLUCTUANTE



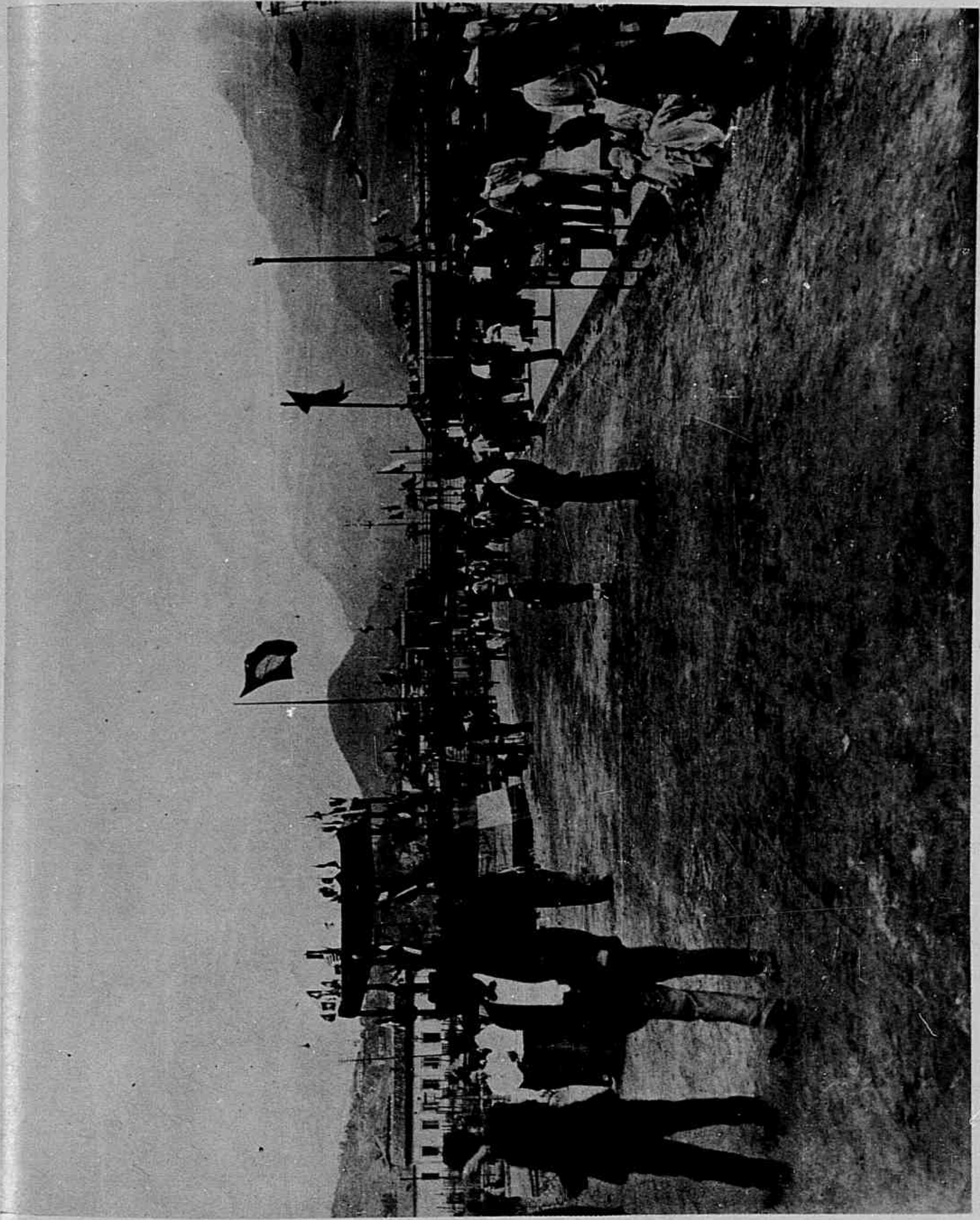
O TRECHO DE CÃES INAUGURADO E OS ARMAZENS PROVISÓRIOS



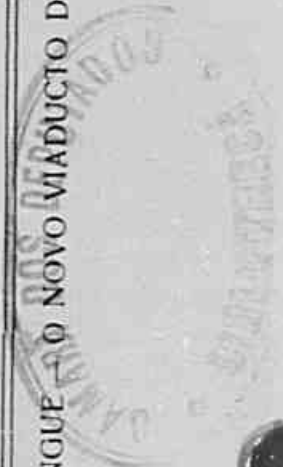
O VAPOR GOYAZ, ATRACADO AO CAIS

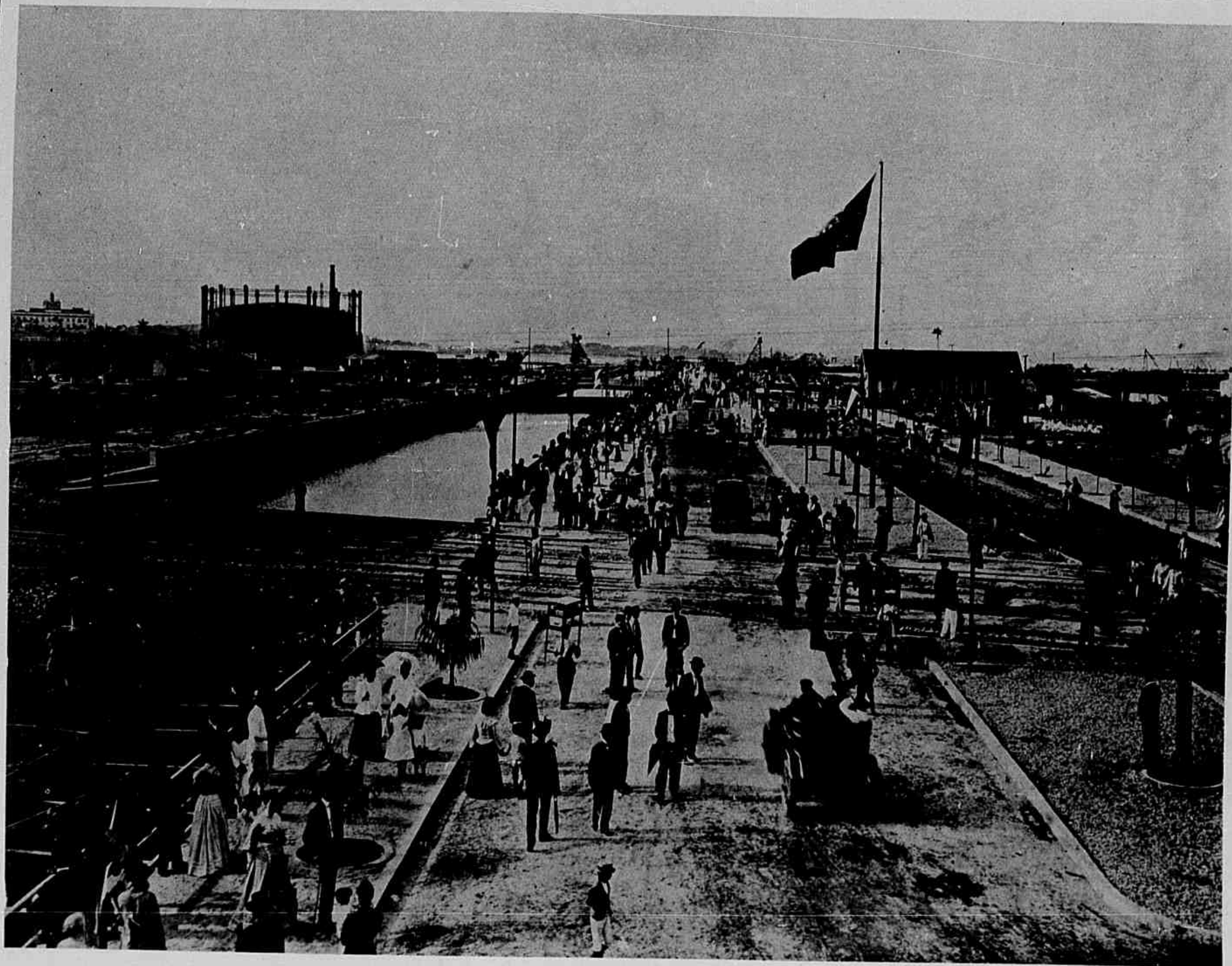


TRECHO DO CANAL E AVENIDA DO MANGUE

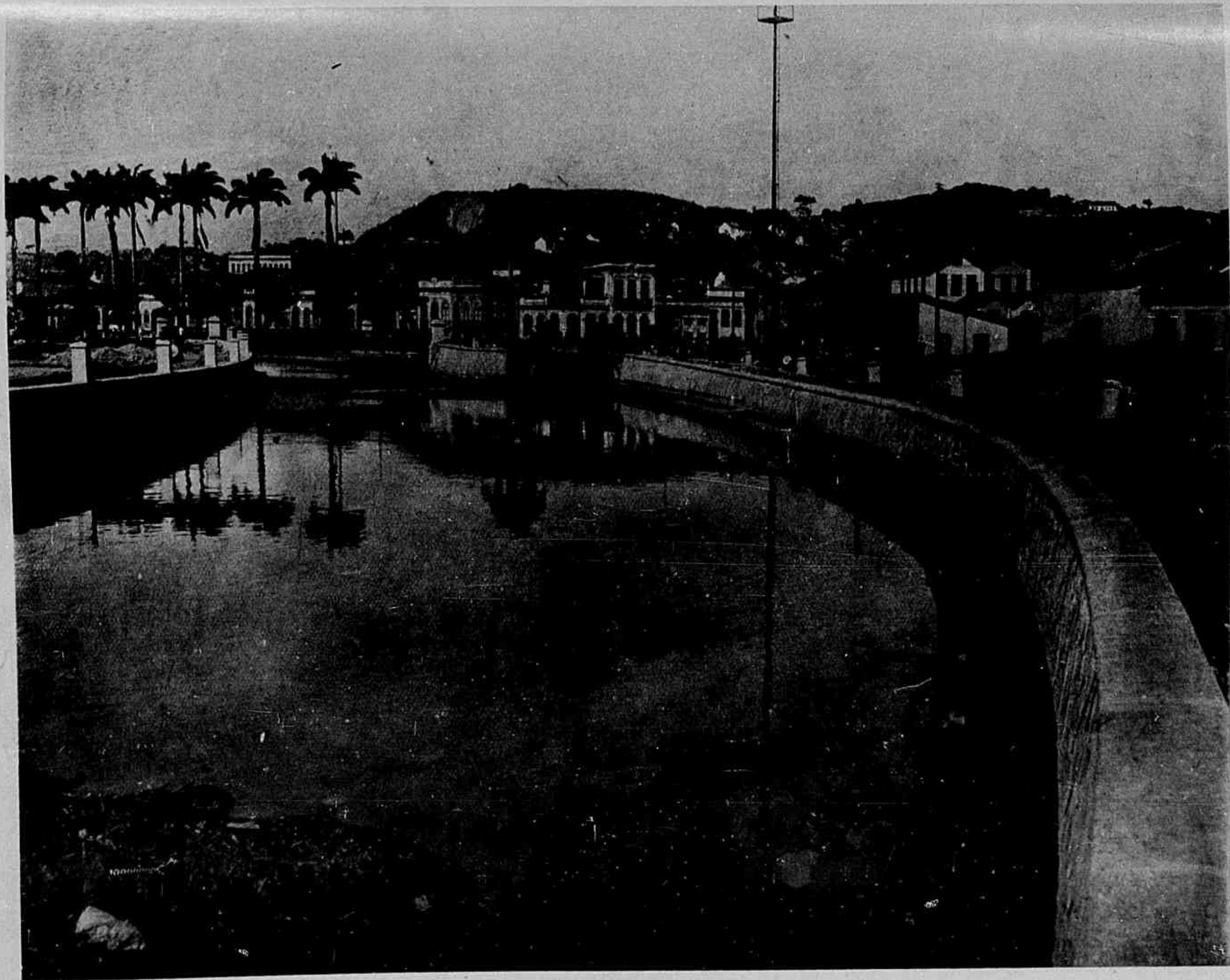


AVENIDA DO MANGUE — O NOVO VIADUCTO DA E. F. CENTRAL DO BRAZIL

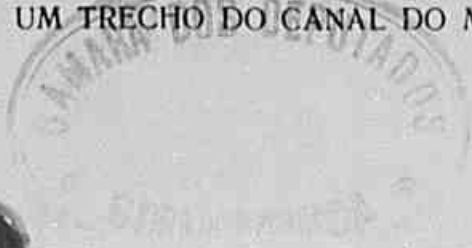




UM TRECHO DA AVENIDA DO MANGUE



UM TRECHO DO CANAL DO MANGUE



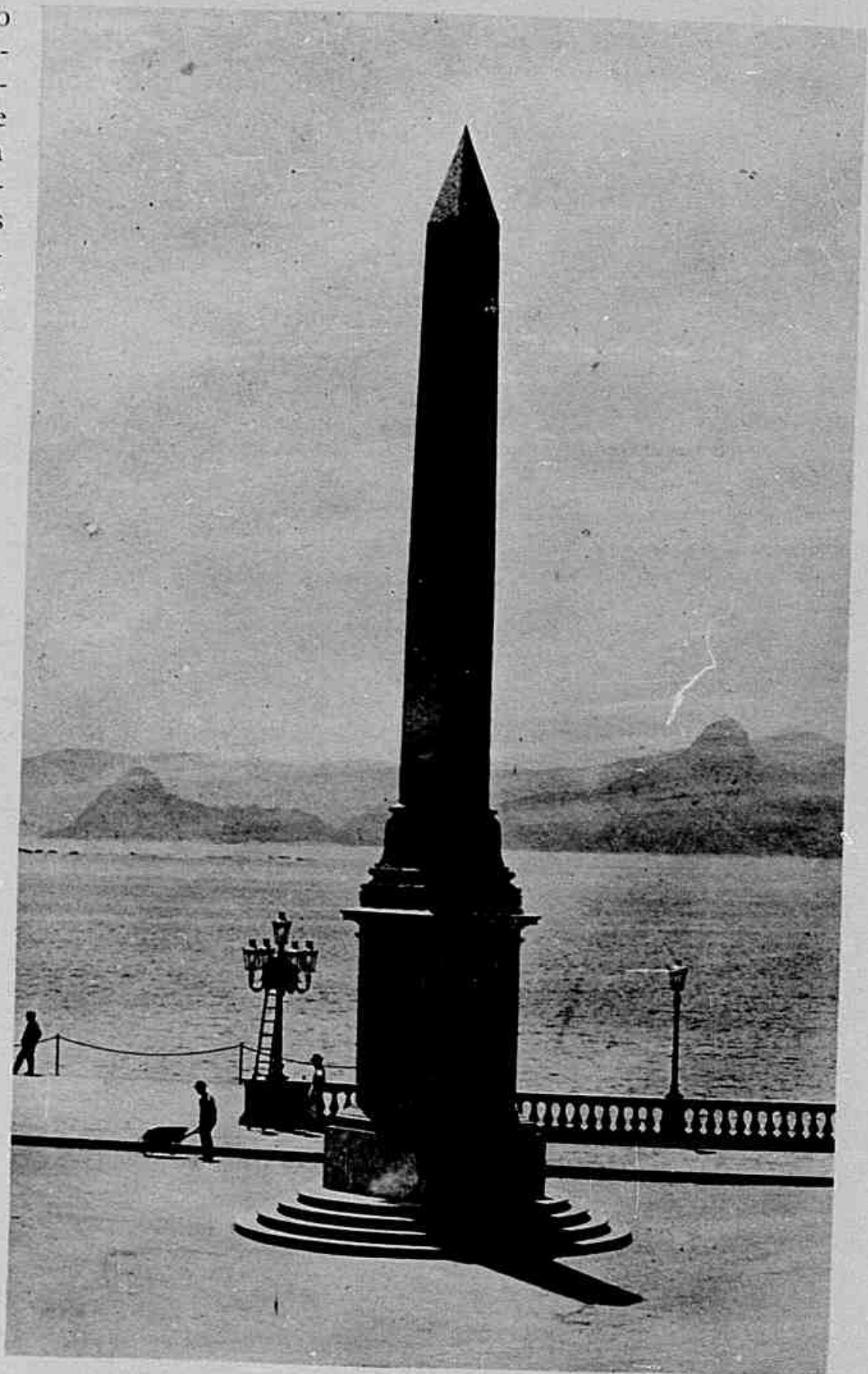
○ ○BELISCO ○ DA AVENIDA

MARCOS commemorativos do orgulho de um despota, cimentados com as lagrimas de populações escravizadas, erguiam-se essas simples agulhas em que a mão de anonymo operario esculpira em obscuros, complicados hieroglyphos os feitos das dynastias reinantes, accões fabulosamente engrandecidas pela lupa da lisonja, lado a lado das monumentaes pyramides tumulares e de esphynges de mysteriosos symbolos, no solo arenoso e calido do velho Egypto, nas infindaveis planuras que corta e fecunda o magestoso Nilo em cujas lodosas aguas dormiam os crocodillos sagrados e nas margens os Ibis vermelhos semelhavam gigantescas flores animadas.

Agudas flechas varando o céu azul turqueza, o perpassar dos seculos deixava-os immotos, guardando nas faces a chronica das gerações que foram, occulta no mysterio das inscripções desconhecidas, como a attestar com a eterna vida a grandiosa civilisação que os havia levantado — monumentos portentosos do humano esforço.

E quando nessa vasta necropole de tradições perdidas passavam raças sobre raças de conquistadores audaciosos, que degenerados descendentes de antigos guerreiros não cuidavam defender, elles eram como as sentinellas esparsas de todo um exercito de symbolos, perdidos nos areiaes do deserto.

Mas a mão sacrilega do conquistador não respeitou os monumentos. E na praça de S. Pedro, na capital do mundo Catholico, Sixto V, pontifice de Roma plantou a agulha de Heliopolis como fora á Grecia buscar as obras primas do Paganismo e na Urbs augusta a



grandeza da religião de Christo era homenageada pelos symbolos dos hierophantes de ter-riveis tradições iniciaticas.

E os novos senhores da terra egypcia, necessitados de auxilio dos soberanos europeus foram a um e um arrancando esses symbolos

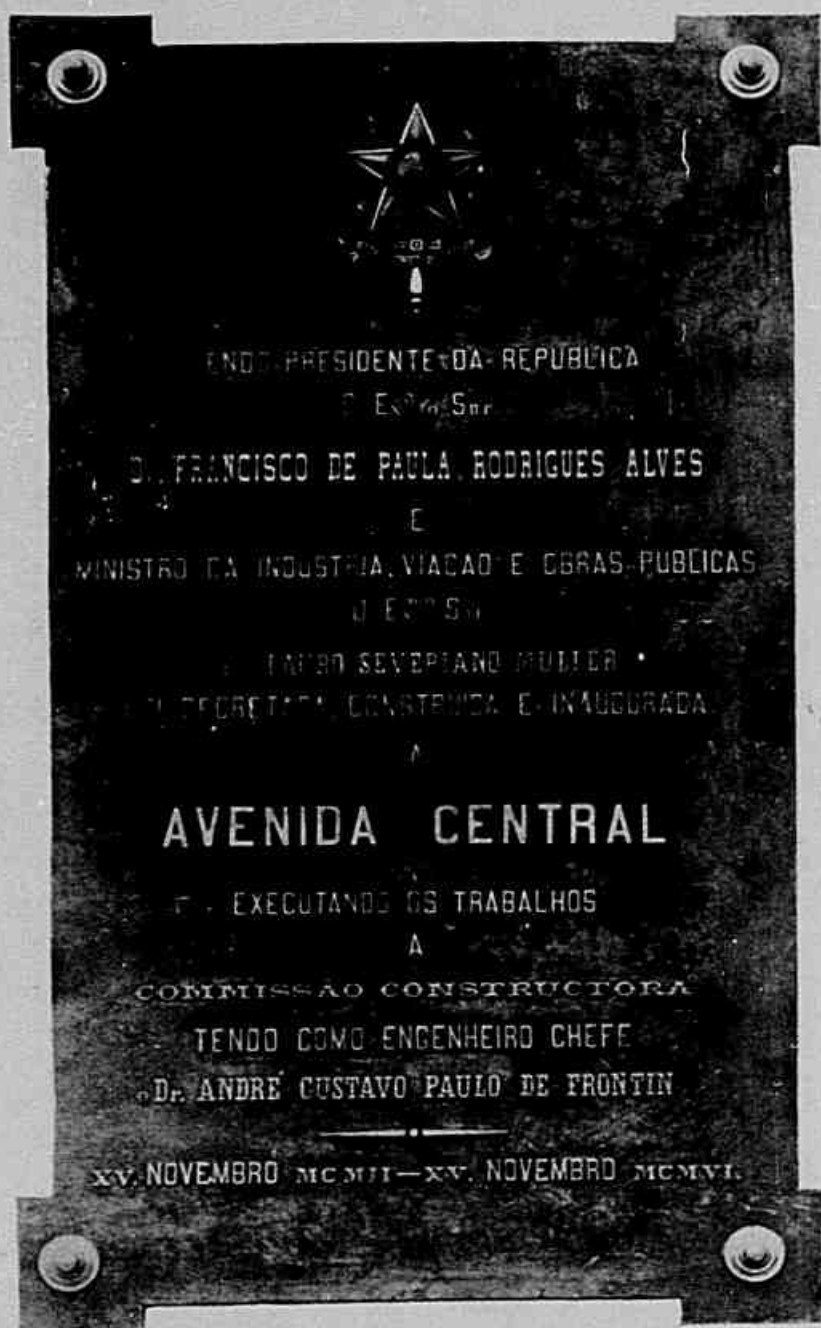


augustos de suas passadas eras, que iam ornar as agora civilizadas regiões do occidente, barbaras para as desaparecidas raças que os haviam erigido.

Assim o de Luxor que hoje se ergue na Praça da Concordia em Paris; assim os de outras cidades europeas como Florença, Arles, Constantinopla...

Esse que hoje se ergue á beira-mar no termino da mais formosa obra do governo Rodrigues Alves, não tem esses antecedentes gloriosos, não veio do solo africano, não o cobrem estranhos hieroglyphos mysteriosos, não o produziu o braço escravo, não foi regado com as lagrimas do opprimido.

E' um monumento moderno de arte, á feição das agulhas pharaonicas. De um bloco inteiriço, arrancado ás entranhas da natureza sem rival da terra brasileira, talhou-o o artista entre hymnos ao trabalho, destinado elle mesmo a glorificar um esforço, a comemorar uma iniciativa, a documentar um progresso, a perpetuar uma lembrança — a exal-



tar enfim um renascimento.

Ali, no começo da curva suave da Avenida á beira-mar, ao lado do Palacio Monrôe sobre cuja altissima cupola palpita o nosso pavilhão beijado pela brisa do oceano, olhando a extensa via que admiraveis construcções adornam, enriquecidas pela arte e que corta de mar a mar as antigas e lobregas viellas dos tempos coloniaes, elle é bem um marco do nosso engrandecimento, um vivo testemunho dessa assombrosa transformação que em quatro annos apenas soffreu o Rio de Janeiro.

Em seu pedestal uma singela inscripção recorda essa obra gigantesca. E passarão os annos, sobrevirão novas gerações, mas no extremo da Avenida Central esse obelisco de ren-

dilhados labores permanecerá, desafiando a acção destruidora do tempo, a lembrar aos novos essa época abençoada em que um surto de progresso deu em terra com a nossa rotina, rememorando os nomes dos audazes artifices fecundos do novo Brazil.

O monumento todo de cantaria tem 18^m15 de altura, assim especificado: 0.80 nos 4 degrãos; 1.00 no dado; 3.50 no pedestal; 0.65 na base; 1.00 no florão e 11.20 no obelisco, formado d'um só blóco e pesando 28 toneladas.

Seu projecto foi organizado no escriptorio tecnico da Comissão Constructora da Avenida Central, de que é chefe o Dr. Paulo de Frontin e executado pelos Srs. A. Jannuzzi & Irmão, tendo como engenheiro incumbido de acompanhar os trabalhos o Dr. Le Cocq.

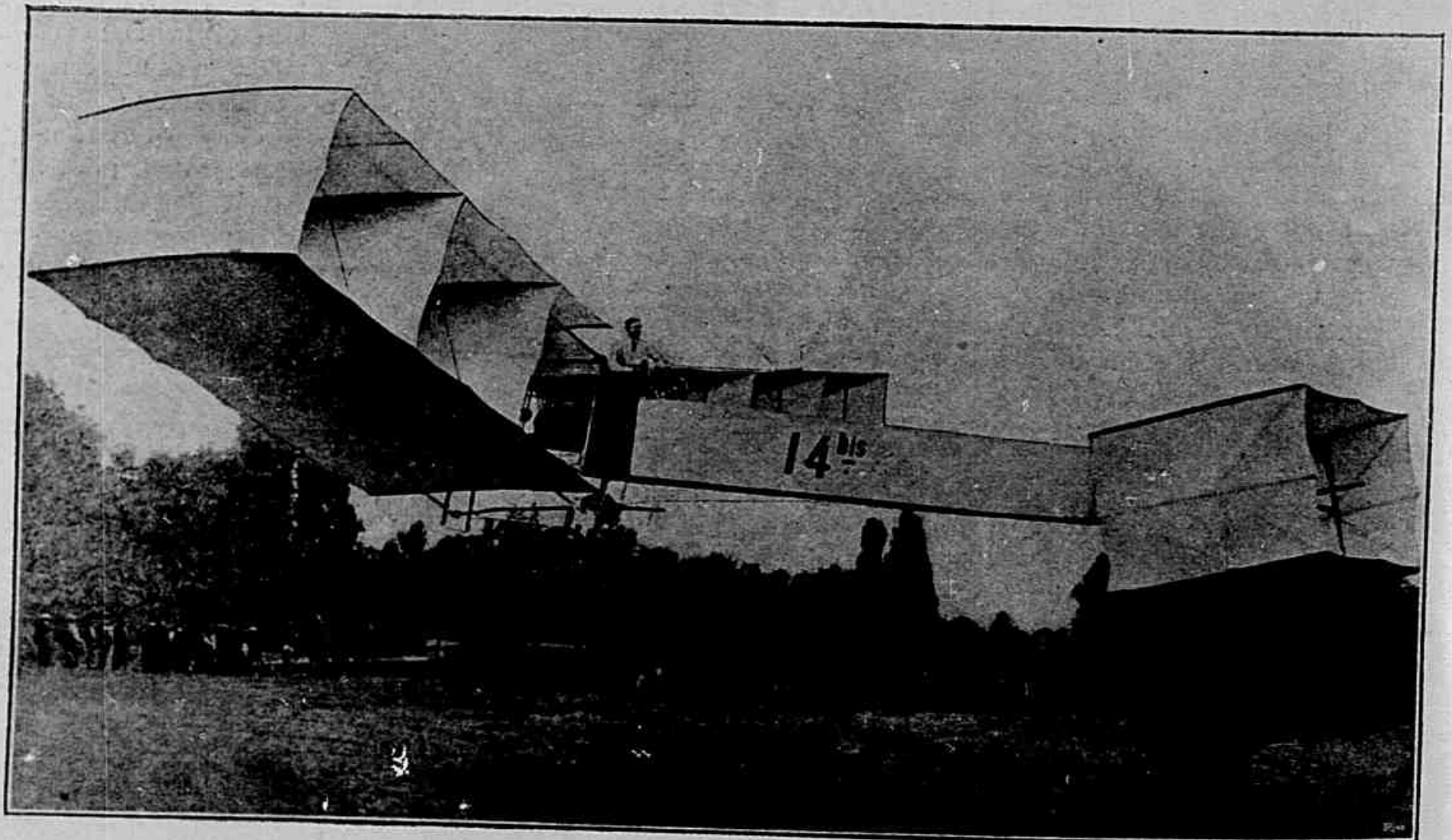
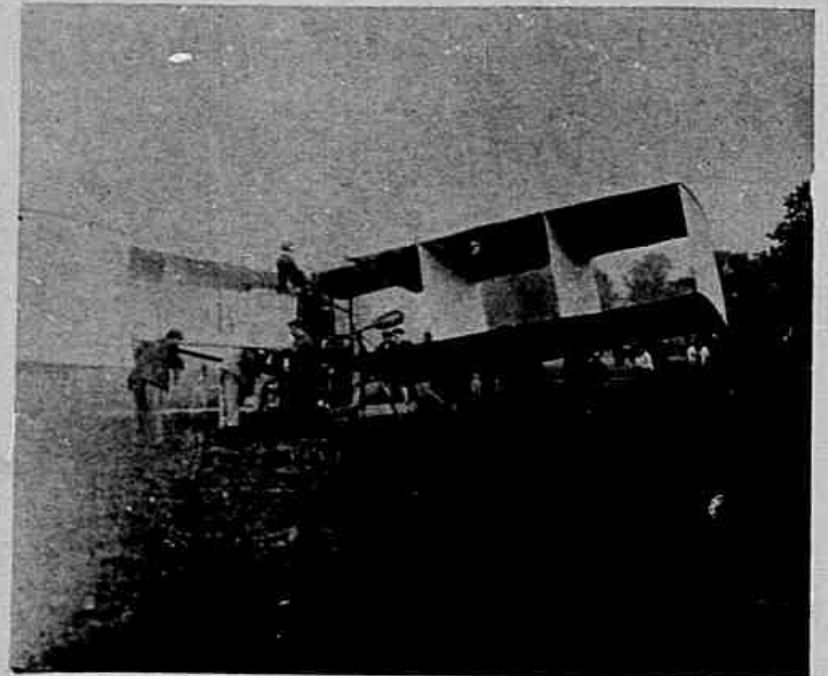
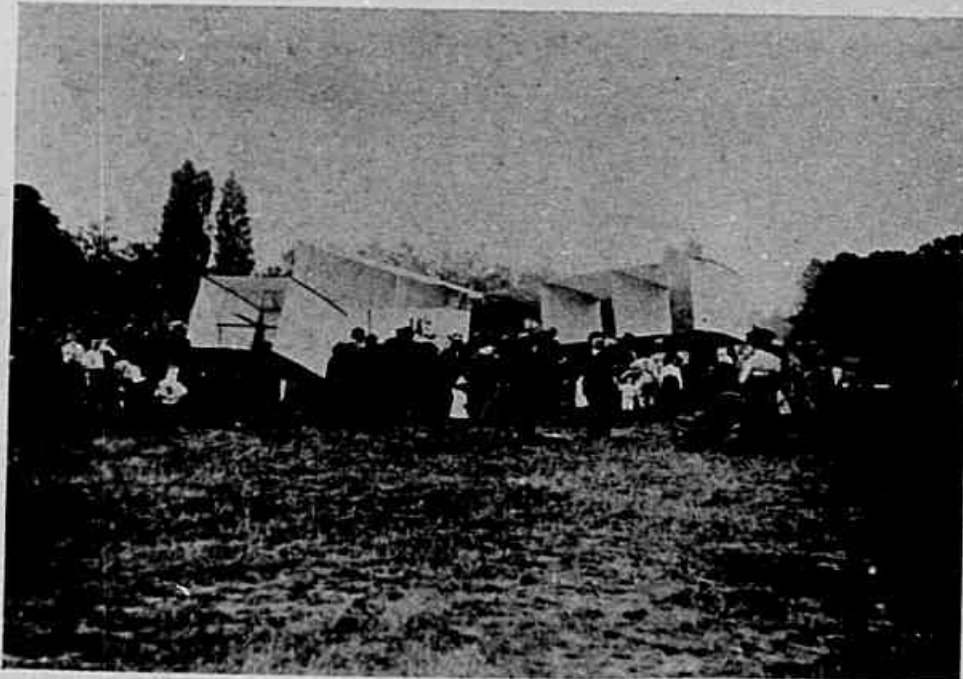
SANTOS DUMONT

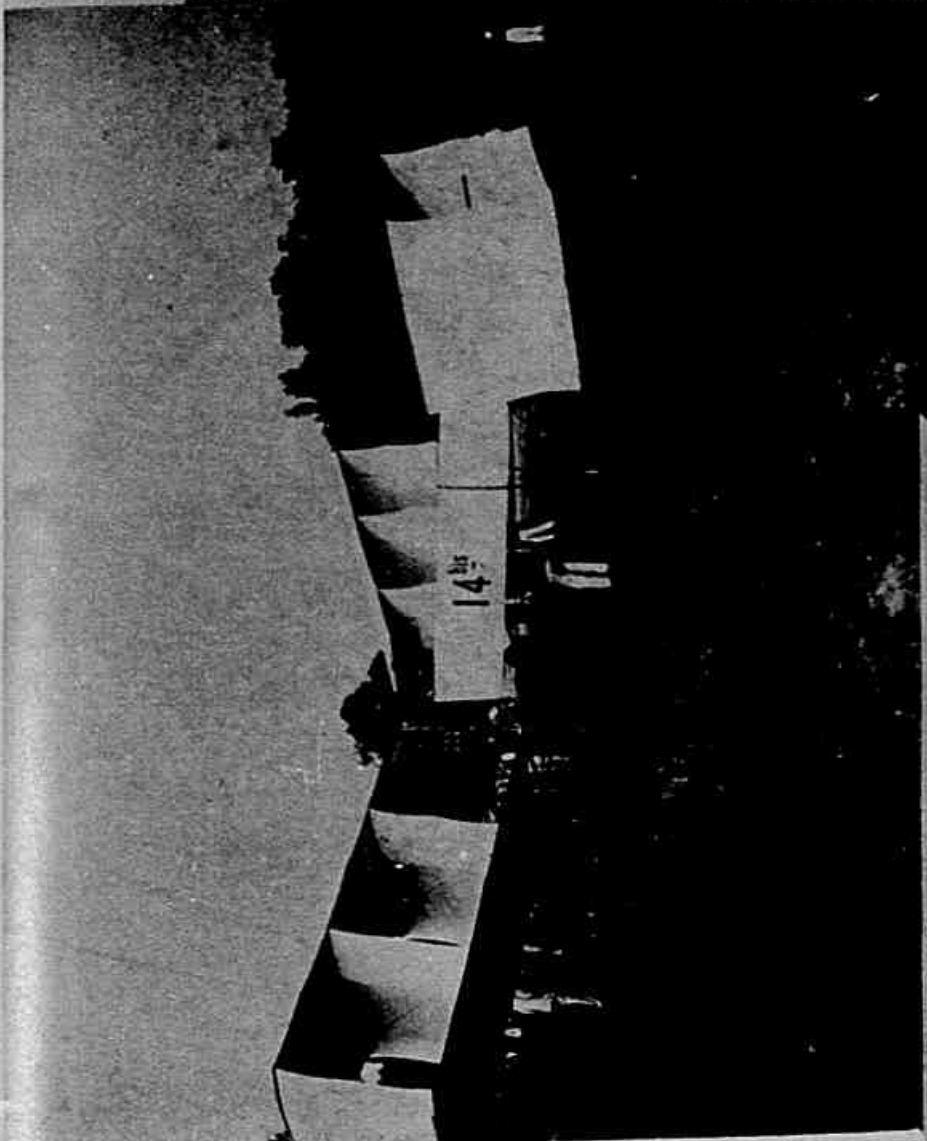
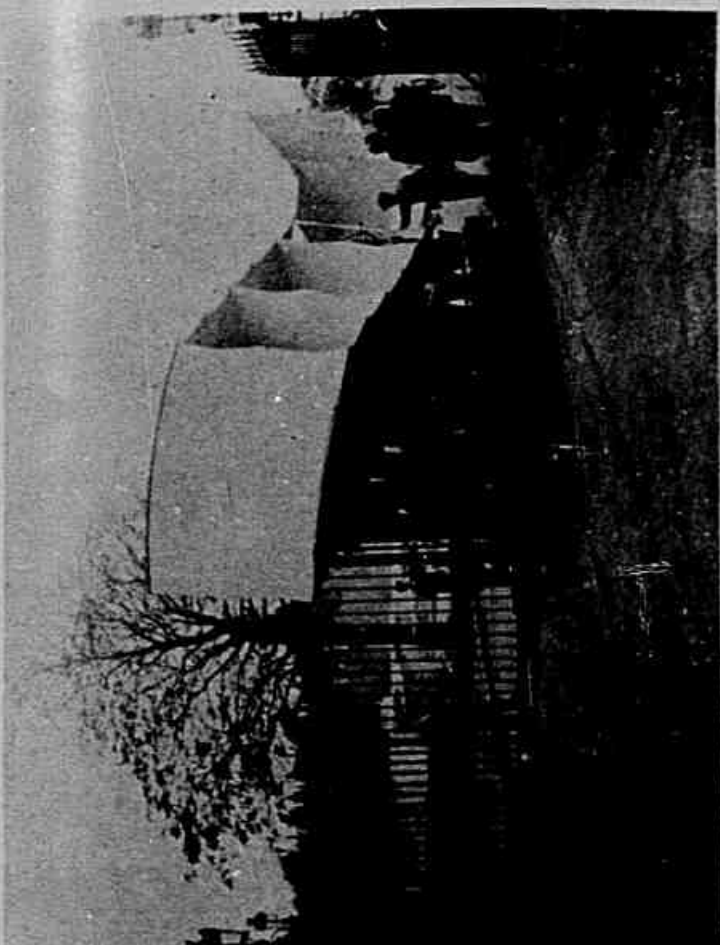
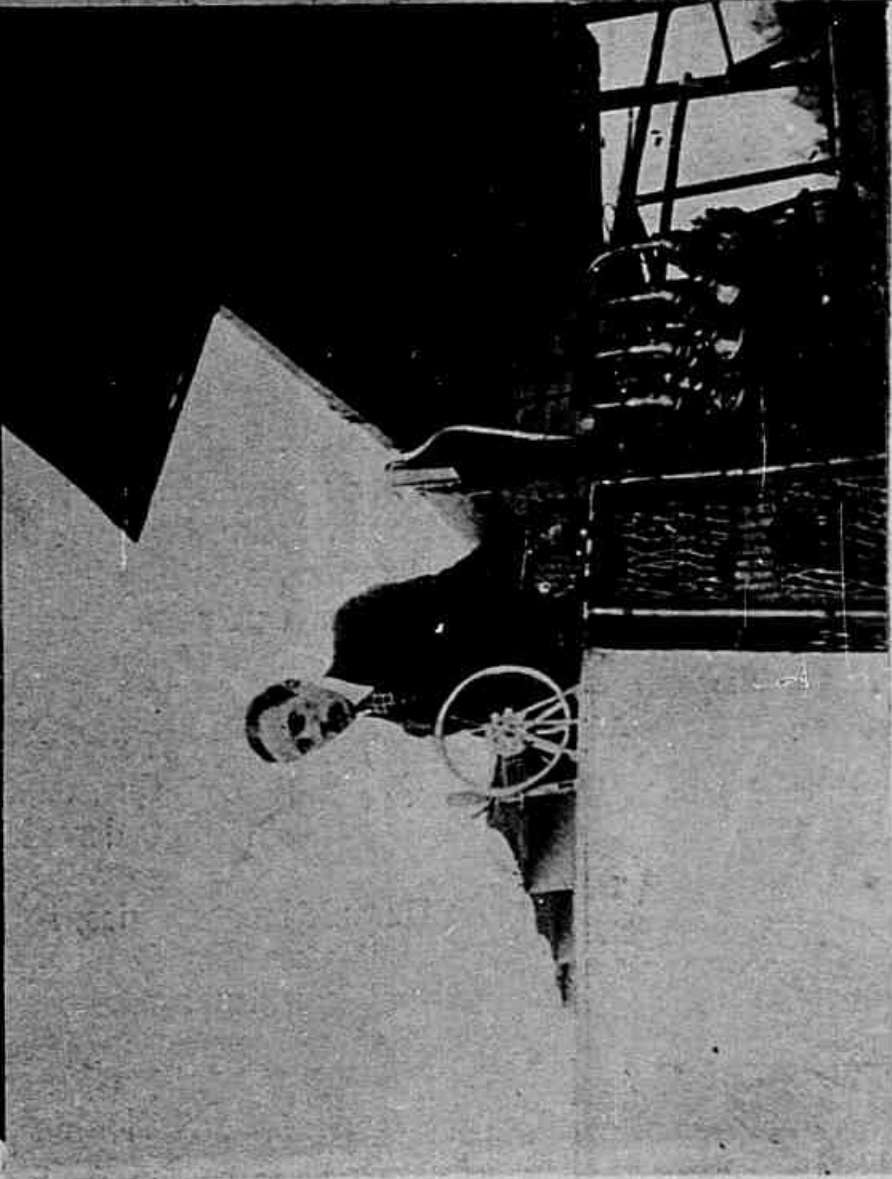
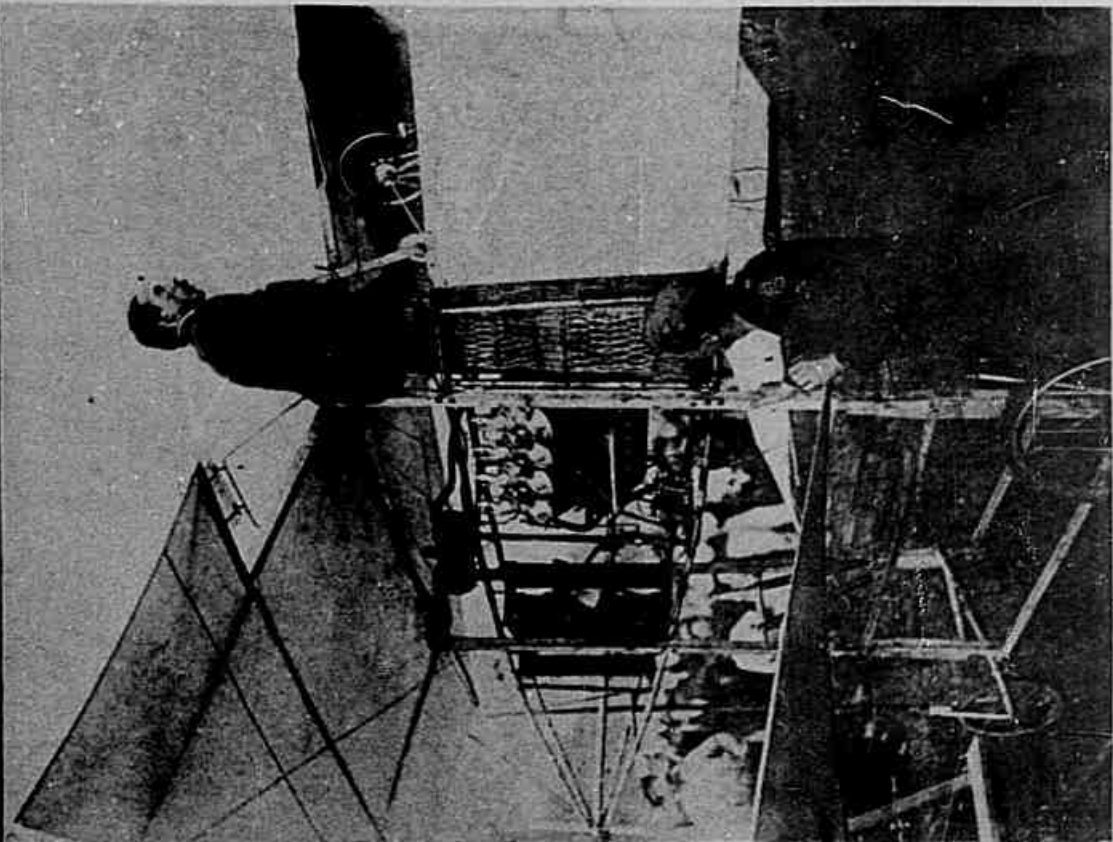
Vem de longe a discussão entre os dous grupos de cientistas que affirmam-nos, uns que só o mais leve que o ar poderá resolver o problema da navegação aerea, outros, esse problema só terá solução com o mais pesado.

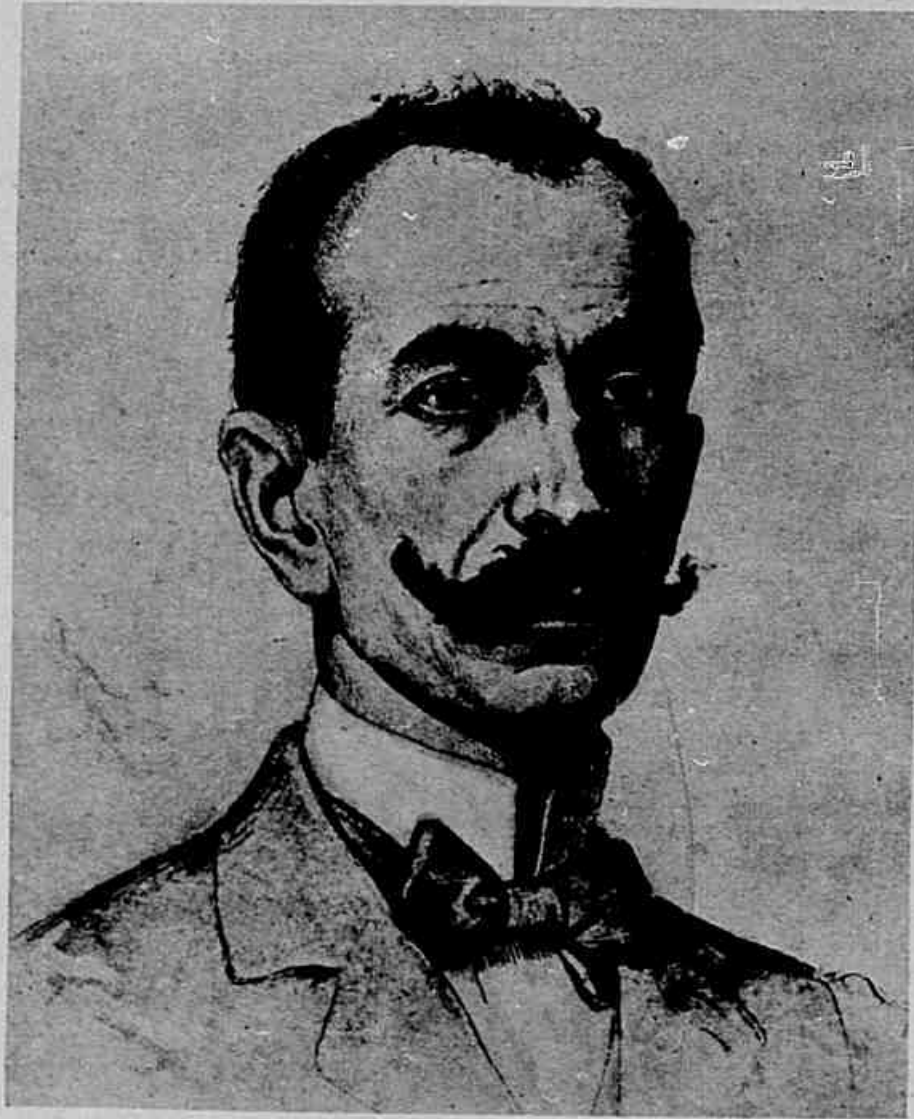
Alistado entre os do primeiro grupo, o nosso perseverante patricio Santos Dumont que com a serie de seus balões a principio esfericos depois fusi-formes, acaba de passar-se para o segundo, obtendo uma esplendida victoria em Paris no Campo de Bagatelle com o seu aeroplano n.º 14 bis percorrendo a uma altura de 5 metros do solo, um percurso de 75 metros, e levantando os premios destinados aos que primeiro tal fizessem.

Uma das photographias que publicamos representa Santos Dumont pairando no seu aparelho por sobre o Campo de manobras onde apinhada, grande multidão aclama-o delirantemente.

Os pequenos inconvenientes observados no aparelho por occasião dessa primeira experiencia foram já sanados e noticias posteriores nos fazem sabedores de novos triumphos do nosso patricio.







FAJARDO

Que desgraça, meu Deus! que dor! que espanto
Morrer assim, tão longe da velhice,
O mestre, o forte, o bom lodo meiguice,
Que era a nossa defesa e o nosso encanto!

Como na cova o feretro cahisse,
Todos em volta soluçavam tanto,
Que, tolhidas as vozes pelo pranto,
O derradeiro adeus ninguém lhe disse!

Durante longos annos, ao meu lado
Muitas centenas de homens têm vivido,
Muitas centenas de almas têm voado;

Mas, em lodo esse misero passado,
Vivo não vi que fosse tão querido,
Morto não vi que fosse tão chorado!

Arthur Azevedo 1



PROFESSOR AZEVEDO SODRÉ

COM a mesma idade, quasi creanças,—15 annos, no mesmo dia, matriculamo-nos na Faculdade de Medicina; vimo-nos e nos approximamos; approximamo-nos e nos ficamos logo querendo; desde então até hoje, já volvidos cinco lustros, não houve expressão nenhuma d'essa luta pela vida que separa os homens, capaz de abalar a nossa amizade, robustecida, ao contrario, no conheci-

mento reciproco mais profundo, na reciproca tolerancia dos defeitos de cada um, nelle imperceptiveis, em mim como as areias do mar—, e abençoada até no parentesco espiritual.

Estarei, por ventura, privado de falar d'elle com animo sereno?

Talvez sim, se lhe quizesse estudar os sentimentos, as qualidades do coração,— que é possivel eu dilatasse para as conter; mas, a

Kósmos destaca em Azevedo Sodré a sua personalidade científica que quer reverenciar, e esta se esteia em obras collocadas acima das más paixões dos desaffectedos como das boas paixões amigas.

A superioridade de Azevedo Sodré começou a se revelar desde os bancos escolares; em concurso obtinha o logar de interno de clinica; pelo Gremio dos Internos dos Hospitales era eleito seu primeiro presidente, — dupla consagração de mestres e collegas.

Entrando na vida publica, eil-o logo a fundar e dirigir o *Brazil Medico*, que está hoje no seu vigesimo anno, e a disputar e conseguir em concurso o logar de preparador de therapeutica; sem descanço pleitêa, ainda em concurso, o logar de adjunto de therapeutica, sendo classificado por unanimidade de votos em primeiro logar. Estas provas publicas do merito que todos sabem torturantes e exaustivas, não o intimidam, entretanto, e logo depois, vaga a cadeira de clinica medica pelo fallecimento de Martins Costa, apresenta-se a disputal-a, chegando a imprimir these, (*Do Tratamento da febre amarella*).

Como substituto rege successivamente as cadeiras de Physiologia, Anatomia pathologica, Clinica Medica e Pathologia interna. Nomeado lente d'esta ultima cadeira, desempenha durante dez annos, com o maior brillantismo as suas funcções magistraes. Todos os annos sobreleva no programma um grande capitulo da nosologia e o profunda, esmerillia e exgotta; a sua palavra clara, correcta, fluente, vibrante, ao serviço de solida erudição, prende o auditorio. Comtudo, taes lições, quotidianas, que consomem longo tempo de preparo, não exaurem a operosidade do professor Azevedo Sodré que ainda consegue sobras para escrever e dar á estampa innumerous trabalhos.

Entre outros:

- Da syphilis pulmonar.
- Acção physiologica da lobelina.
- Da identidade dos parasitas productores das dermatomycosis.

Pathologia tropical (lições de pathologia interna).

- *O cholera morbus de 1894-1895.*
- *Da anemia tropical.*
- *Do edema agudo do pulmão.*

— *Molestias do estomago* — lições professadas na Faculdade de Medicina.

— *Frequencia do cancer no Brazil.*

— *Frequencia da tabes dorsalis no Brazil.*

— *Das febres de calor.*

— *Hematologia da febre amarella* (em collaboração com Miguel Couto).

— *Prophylaxia da febre amarella.*

Não tardou que o seu nome transpusesse os limites da patria e chegasse, aureolado, ao estrangeiro; a sua collaboração é então solicitada, e paga, para a mais notavel encyclopedia medica americana, *Twentyethe Century Practise of Medicine*, onde se encontram dous longos artigos da sua lavra — sobre *dysenteria e beri-beri*.

A seu turno, o grande professor Notlingel, de Vienna escrevera ao professor Azevedo Sodré pedindo-lhe com o maior empenho (além de lhe retribuir em boa moeda) se encarregasse do artigo — *febre amarella* — da grande encyclopedia — *Specielle Pathologie und Therapie*; acceitando incumbencia tão honrosa para o nome brasileiro, Azevedo Sodré publicou em 1900, com a collaboração de quem escreve estas linhas, o volume *Das Gelbfieber d'aquella encyclopedia*.

Por estes tres trabalhos, escriptos em inglez e allemão, o professor Azevedo Sodré ficou sendo um dos medicos brasileiros mais conhecidos e mais citados fóra do seu paiz.

Indicado pela Congregação da Faculdade de Medicina do Rio de janeiro para occupar a 2ª cadeira de clinica medica, ligada ás tradições de Martins Costa e Benicio de Abreu o professor Azevedo Sodré vai imprimir-lhe o cunho da sua individualidade; á escola da observação pura á antiga elle juntará os methodos da propedeutica moderna, que exigem ao lado da clinica o laboratorio para os exames subsidiarios indispensaveis á boa diagnose. Cada vez mais, já tive occasião de dizer, o diagnostico se simplifica á custa da multiplicidade dos processos do exame.

Com esta orientação ao serviço de longa pratica e fundo saber do novo cathedratico, póde-se augurar para a 2ª. cadeira de clinica medica uma era de grande fulgôr.

MIGUEL COUTO.

FELIZ COMEDIA

O casamento de Paulina Cardoso, a nossa feiticeira *Paulette* como, desde os tempos collegiaes, chamavamol-a, foi uma surpresa para as suas amigas.

Pela sua seductora graça, pela sua incomparavel formosura, pela sua viva intelligencia esmeradamente cultivada, *Paulette* deveria ser esposa de um diplomata. Isso mesmo sempre commentamos em horas de intimidade e ella propria afagava, discretamente, essa esperanza. Mas, a nossa adorada *Paulette*, creada entre sedas e crystaes, chegou a plenitude da mocidade sentindo-se contrariada em seus caprichos porque seu pae, homem de emprehimentos industriaes e que fôra muito rico, perdera a maior parte da fortuna numa empreza mal succedida.

Foi essa a causa, sem duvida, do desvio da sua vida, que previamos das mais brilhantes e condigna da sua belleza perfeita.

No emtanto, *Paulette* não se casára mal. O marido que o destino lhe deu, o Sr. João Baptista da Fonseca, não destruia todos os seus sonhos nem a vexaria no largo circulo em que a irradiação dos seus encantos a tornavam o centro de todos os corações.

O Sr. João Baptista da Fonseca era moço e, senão bonito, pelo menos muito sympathico. Faltava-lhe a *alhure*, o talhe, a distincção aristocratica; em compensação possuia uma robustez physica que denotava excellente saúde. A isso reunia uma epiderme finissima, levemente morena, olhos e cabellos pretos, e uns dentes tão alvos e certos que fariam inveja a qualquer rapariga *coquette*. Pelo que diz respeito ao *aspecto* o marido de *Paulette* pouco deixaria a desejar. Devemos tambem mencionar a sua cultura litteraria, porque, vivendo desde menino no afan commercial, não desprezava a litteratura, da qual fazia o mais alto conceito e possuia escolhida bibliotheca.

Não podiamos, por tanto, considerar *Paulette* infeliz.

Não obstante isso, desejaríamos vel-a nos salões europeus, com o garbo das suas linhas esculpturaes, com a elegancia impressionante de seus gestos, com a inexcedivel vivacidade do seu espirito. Honrar-nos-ia.

O Sr. João Baptista bem comprehendeu o favor da sua sorte, e procurou cercar sua esposa de todo o conforto possivel, foi mais longe, deu-lhe tudo quanto se accusava necessario ao esplendor da sua belleza, carruagem, creados, vestidos e joias. Mas, por causa que

nunca nos foi possivel conhecer, a nossa encantadora *Paulette* viveu obscuramente durante cinco annos, persistindo em apparecer raramente na sociedade, esquivando-se dos bailes, parecendo até desfazer-se de muitas das suas relações.

Quando lhe exprojavamos esse proceder ella sorria e, com uma vaga melancolia, explicava:

—Quem cria filhos não póde ter tempo para agradar aos outros...

A verdade era que *Paulette*, contrariando o desejo do marido, criava o seu petiz, o unico que até hoje, essa união deu ao mundo. Mas, quando o seu filhinho attingiu aos cinco annos, realisou-se uma transformação na vida de nossa amiga. Ella resurgiu.

Já não era a rapariga dos primeiros tempos, vinha mais cheia de corpo, porém mais bella. A maternidade dera-lhe o ar senhoril de uma imperatriz. Os seus olhos, que sempre foram seductores, traziam agora mais brilho no negrume, mais voluntariedade na expressão; não ria como dantes, sorria e nesse sorriso dissimulava-se um encanto, um quer que fosse de discreto, de retenciador que entontecia e escravizava.

Na noite em que ella appareceu nos salões do barão de X a commoção dos convidados foi tal que, por pouco, não arreventou uma ovação de todas as boccas; o que, porém, não teve a franca expressão do entusiasmo, ficou patente em todos os olhares e no murmurio exclamativo que o deslumbramento arrancou de toda a sala.

Em poucos minutos, *Paulette* tornou-se a deusa do baile. As homenagens rolavam aos seus pés num transbordamento de camphoras. Percebia-se que, entre os mais distinctos cavalheiros ali reunidos, havia corações perturbados e imaginações em delirio. E desses destacou-se logo o almirante Monlevade, um dos officiaes da nossa marinha de guerra, e que viera abrilhantar os salões do barão com o seu luzidio e correctamente trajado uniforme de gala.

O almirante Monlevade, apesar de casado, passava por um homem *perigoso*; era uma segunda edição de D. Juan Tenorio, adaptada ao tempo e ás conveniencias. Na arte de seduzir a sua pericia e o seu talento enfrentavam com os seus raros dotes de homem do mar e de guerra, e assim devia ser porque, sobre o prestigio do seu nome aureolado, elle possuia o typo irresistivel dos *apaixonaveis*. Alto, esvelto e forte, a sua tez era morena, os olhos negros e a bocca sensual, sob um atrevido bigode d'Artagnan, em que alguns fios brancos davam a singular impressão de fiapos de espuma dos temporaes do oceano, fa-

lava fascinadoramente em cinco idiomas, e com os quaes elle floreteava ironias ou florejava madrigaes como um galante heroe do velho Alexandre Dumas.

A emoção experimentada pelo garboso almirante não pôde ser disfarçada. Debalde, elle forçou o elegante atrevimento da sua celebre indiferença, que era arma terrivel com que accommettia o inimigo... feminino. A' essa calculada indiferença, cuja externalização desafiaria o fogo scenico de um tragico genial, *Paulette* respondeu com a sua adoravel naturalidade, sinceramente manifestada. Como se palestrasse com uma velha amiga, ella falou-lhe nos romances maritimos de Moël, disse algumas cousas sobre Loti e derivou a conversar para os grandes campeonatos inglezes do remo. O almirante Monlevade jogou afoutamente com a sua adversaria, mas o jogo, ao principio muito bem encoberto e dirigido com notavel capciosidade, afrouxou mais depressa do que esperavamos, porque nós, as intimas de *Paulette*, tinhamos percebido as intenções do almirante e apostavamos pela victoria da nossa amiga.

Mais cedo do que contavamos o almirante começou a ceder terreno e a descobrir, desastadamente, a paixão repentina que o inflamára. Sublinhava palavras, conduzia periodos dubios ao curso da palestra, nos quaes deixava transparecer preambulos de declaração. Houve um momento em que *Paulette*, com um sorriso humilhador, aniquilou, fria e admiravelmente, o irremovivel arrojado de uma phrase. E foi isso o que mais incitou o almirante!

A sua côrte á Madame Paulina Fonseca attingiu a indiscrição, toda a noite elle a assediou com uma tenacidade affrontosa. Chegamos a temer por ella, não por julgar-a fraca e corruptivel, mas pelo ciume de seu marido que desvendamos. Ao entrar pela madrugada, o Sr. João Baptista da Fonseca, que estivera felicissimo na sala de jogo, appareceu inopinadamente no salão das danças e d'ali não arredou pé até a hora da partida.

Não havia duvida que elle descobrira alguma cousa, um supposto perigo.

Mas, nem por isso, o almirante arrefeceu o seu enthusiasmo. E quando os dois se despediram, o marido e o pretendido conquistador, foi com enorme difficuldade que aquelle procurou ser gentil, satisfazendo os deveres da alta sociedade.

Desde essa occasião *Paulette* viu-se cada vez mais estreitada num circulo de conquista. O almirante estava seriamente apaixonado por ella. Um dia ella mandou-me chamar á pressa. Fui. Encontrei-a desanimada, parecia enfraquecida. Beijando-me ardentemente, como

sempre me recebia e, com maior arrebatamento, nas suas afflicções, levou-me logo para o seu *boudoir* côr de perola cinzenta, onde a riqueza do marido reunira os mais delicados trabalhos de arte, do mobiliario, da tapeçaria, da pintura e da esculptura. Fez-me sentar ao lado num canapé japonéz, e sem rodeios declarou-me que estava resolvida a abandonar a sociedade. *Aquelle* homem tornára-se-lhe uma perseguição, a sua propria sombra!... E não sabes minha querida, e não sabes o que eu temo nisso... Não é a loucura que o possa accommetter e da qual, talvez, não esteja longe... Ah, não sabes, não avalias a paixão que elle tem por mim!... Já não é esse vicio de pretender a posse de todas as mulheres que lhe parecem bonitas, já não é esse ephemero mas ardente desejo de conquistar o amor difficil, de vencer escrupulos e obstaculos, de abater orgulhos e dignidades, o que o move... O Sr. de Monlevade está verdadeiramente apaixonado por mim. Desgraçadamente eu o sei, eu tenho provas... Mas, que me importa essa loucura?!... O que eu temo, minha boa amiga, o que eu supplico é a falta de confiança em mim que percebo diminuir no meu marido. Oh! isso é horrivel!... isso me humilha, isso me martyrisa e me aniquila!...

Fiquei aturdida diante dessa grave confissão, não tive idéas, cheguei a me julgar idiota e, sem saber o que dizia, murmurei, titubiei:

— Mas... porque não falas ao teu marido... porque lhe não te confessas...

Paulette olhou-me surprehendida, como se me desconhecesse; e lentamente, com esse vagar dos que soffrem muito e precisam medir as palavras para não esgotar as forças, retorquiu-me.

— Seria um desastre moral para mim. Accusaria a minha cumplicidade...

— A tua cumplicidade! Como?

— Não destruindo em tempo as intenções do almirante...

— Mas, se tu não as conhecias, se tu tens deveres de boa sociedade...

Paulina Fonseca sorriu com magua:

— Dois pontos tristissimos... Inculcar-me-ia estúpida e demonstraria a fragilidade da minha honra. Eis a defesa que me offereces. Não, minha boa amiga, nenhum desses motivos me servem. O que tenho a fazer, a unica cousa digna e, como tal, aceitavel, é fugir da sociedade, mergulhar-me na existencia pacata e obscura em que engordei durante cinco annos, devotar-me inteiramente á educação de meu filho, aos meus deveres domesticos.

Estivemos caladas por longo tempo, eu embaraçada com a situação de *Paulette*, e

ella a passeiar o pequeno espaço do *boudoir*, visivelmente entregue a uma locubração. De repente, parando defronte de mim e erguendo os braços para arrumar os seus lindos cabelos, gesto que lhe dava um realce encantador ás fórmulas gregas, sorriu, mas desta vez com alegria:

—Sabes?... Estou a pensar numa comedia. Não ha paixão que resista ao ridiculo. Esse homem é um fidalgo, não ha duvida; a sua educação, a sua vida, a sua origem dizem-nos isso. Apaixonado, como está, tomará muito a sério este caso; até póde perpetrar um desvario!... E' preciso desprestigiar essa paixão, ridicularisal-a. E tu vaes me servir nesta farça.

—Eu?... Olha, querida, sou de uma negação completa para o theatro...

—Não faz mal. E's intelligente, e eu guiarte-ei. Irás daqui á casa do Dr. Paulo Ribeiro, que tambem me persegue com a sua cõrte e, por meios indirectos, dir-lhe-ás que, se elle persistir com mais um pouco de afouteza, eu serei vencida. Dize-lhe mesmo que descobriste em mim a minha *quêda* por elle, tenho-lhe amor. A questão é de audacia que, certamente, me não compete. Depois, faze-te apaixonada pelo almirante. Em quanto o perseguires estorvas-lhe os passos.

—E depois?...

—Depois... o final correrá por minha conta. Não o temas.

A minha dedicação á *Paulette* era muito grande para que eu lhe recusasse este favor. Temia, porém, o insuccesso da comedia, por causa do meu desageitamento em fingir. Em todo caso, fiz o que ella me ordenou.

Pelo lado do Dr. Paulo Ribeiro tudo correu satisfactoriamente, elle cahiu como patinho tonto. A dificuldade foi fazer-me desejada pelo almirante que, com franqueza, nunca pensára em tal conquista. Todavia representei o meu papel o melhor que pude. Dentro de um mez *Paulette* e eu riamos-nos desbragadamente do ridiculo em que degradingolava a comedia. O Dr. transformara-se numa sarna perseguidora, mas *Paulette* fazia delle o que entendia, não se apiedando da sua triste figu-

ra; eu por meu turno, agarrára-me ao almirante, que de mim fugia como o diabo foge da cruz. E era uma roda viva. Até que, um dia, o almirante escreve uma carta sentimental e indiscreta á *Paulette*, esta recambiou a carta a mim e, por minha vez, entreguei-a ao Dr. Entramos no ultimo acto. Não obstante o seguimento das scenas, não me tranquilisava, tinha medo d'um desfecho dramatico. Guiada por *Paulette* fui ter com o almirante e exprobei-o pelo seu procedimento, dizendo-lhe que a fidelidade da minha amiga fizera-me conhecedora da sua declaração. Era de vêr-se a surpresa e a confusão do Sr. de Monlevade. A sua superioridade desmantelou-se desastradamente, e esse homem, habituado aos perigos, experimentado nas luctas do amor, perdeu de tal modo a cabeça que chegou a ser grosseiro com uma senhora!

Perseguido por minha supposta paixão, diante do meu fingido ciúme, enxotou-me, ameaçou-me. Resolvi levar até a ultima o meu papel. Corri á casa de sua mulher e contei-lhe o caso da carta!

Por seu lado *Paulette* aticava o Dr. Paulo Ribeiro. O despeito do almirante levou-o a desafiar o Dr. para um duello, a que esse se eximiu e, com medo do Sr. de Monlevade, arrumou suas malas, partindo sorrateiramente para o norte.

Mais feliz sorte não foi reservada ao almirante. A sua esposa procurou *Paulette*, de quem teve a confissão do recebimento da carta; aculada pelo ciúme fez uma grande scena em casa e tão escandalosa que, dentro de poucos dias, o Sr. de Monlevade partia para o estrangeiro em commissão do governo.

E assim terminou a paixão do almirante. *Paulette*, porém, não se deu por satisfeita, contou tudo ao marido, e como elle me retribuísse a parte activa nessa feliz comedia com um beijo respeitoso na mão, ella disse-lhe:

—Agora, ha um juramenro sério que lhe exijo: é de nunca ter ciúmes de mim. Jura?

—Juro!

—E quasi a suffocou em beijos.

MARIA SALOMÉ.



TRADIÇÕES

INFORMAM jornaes, que empóz a desejada transformação desse abafado largo da Carioca, se vae emprehender a remodelação e o acabamento necessario do seu velho e tradicional chafariz, completando-lhe o aspecto desgracioso, encimando-o de linda estatua symbolica; e accrescentam mais, que, conhecida mão de mestre já anda no glorioso afan de fazer estudos e de traçar projectos, que condigam com a pavorosa idéa regeneradôra.

Bem sabemos todos nós, cariocas de hoje e d'antanho, que áquillo que alli está, que nos vem da expressiva distancia dos seculos, falta a graça esthetica da linha, falta o acerto necessario do conjuncto e que, ou por incompetencia professional de quem o levantou, ou pela classica excaszez de recursos, na época, não está alli, reproduzida com todas as minucias da exactidão, a linda obra monumental do projecto do velho engenheiro Guillobel.

Todos nós sabemos, todos nós vemos isto. Mas enfeitado-o agora de estatuas e ornatos complementares, que lhe dêem graça e novidade, seria rebaixal-o ao ridiculo da velhice casquilha e apelintrada. Deixem-no assim, no seu grave aspecto tradicional, na compostura formidavel do seu feitio.

Enfeitado-o, como? Que imaginosa comprehensão de contornos e linhas podia trazer-lhe agora a continuação precisa do seu acabamento, de modo que o que de novo houvesse não lhe rompesse, em destaque rude, o aspecto, o feitio e o conjuncto?

De certo, não lhe vão emprestar motivos de ornamentação da torturada esthetica de agora, decerto?

Pretenderão, por acaso, fazel-o de justo accordo com o projecto de Guillobel? Mas, melhor seria então que se levantasse outro novo, porque o velho e glorioso chafariz, não supporta a novidade dos remendos.

Perde a compostura, apelintra-se e da sua veneravel feição de antiguidade, passa ao ridiculo das renovações incabidas.

Adianta-se mesmo que, como ornamentação suprema, é natural que lhe arrumem ao alto, no marmore de uma estatua, o symbolo gracil da raça carioca, na delicadeza de um vulto feminino.

Mas, a Carioca de hoje, moderna, supercivilisada, que frequenta Avenidas e *bars*? Ou a das épocas remotas da colonia, filha esbelta de pae tamoyo e mãe tapuya, com os seus primitivos trajas indigenas, de pennas e contas?

Para a primeira, julgo improprio o embazamento; para a segunda, considero detestavel o renascimento.

Para que andarmos a lembrar essa primitividade de ascendencias antropophagas, em tempos em que a gente se civilisa com a Civilisação da Cidade.

Entretanto, internamente, no socego calmo da Consciencia, palavra que temo pela escolha; e ás vezes, apavora-me a persuasão de encontrar, alli, em cima daquelle monumento veneravel, a graça *souple* da Carioca de hoje com todos os seus defeitos de civilisada, pouzando, para embasbacamento do indigena, a leve planta do seu pequenino pé, na immensidade vigorosa daquelle embazamento.

Outras vezes, temo mais pelo susto de encontrar alli, a despida figura de uma india beizuda e bamba, na moldura indispensavel de flechas e pennas, symbolisando, solememente, a graça da minha linda Cidade carioca.

Olhem; não lhe ponham estatuas. Nós (fallo por todos os cariocas) dispensamos desvanecidos essas enormes honrarias. Melhor é que o deixem com os seus erros e a sua desproporção,

Assim como está é que elle é o verdadeiro chafariz da Carioca—fonte publica e amplo e desabrigado pouso ao somno bohemio dos desherdados.

E quando nós, Cariocas da Tradição, no carrancismo extravagante das nossas Saudades interminaveis, viermos, batidos pela Civilisação, de lá, de onde foi essa estreita Prainha empoeirada e barulhenta, hoje rica de lindos predios, larga e limpa; vararmos, vertiginosamente, essa moderna rua de Uruguayana, e tombarmos, exhaustos, no delicioso jardimzinho da Carioca (até parece pilheria) onde foi outr'ora a velha e desabrigada praça, livre agora da muralha abafadiça da antiga Penitencia, teremos, para consolo dos nossos olhos para confôrto da nossa Fé, a contemplação carinhosa do velho e veneravel chafariz, oppondo á invasão terrivel dos Civilisadores, a muralha formidavel da sua cantaria, a simplicidade veneranda do seu aspecto, o consolo benefico da sua Tradição.

Deixem-no assim, simples e grave como está, sem ornatos, sem caricias.

Ponham-lhe agua; a boa, a salutar, a delicada agua carioca. E deixem-na cantar, dia e noite, naquellas pequenas calhas de pedra, a linda canção reconfortante da sua pequena corrente.

Ponham-lhe agua. E que delicia!

Jardim ao lado, flores viçando, bancos para repouso e perto, canções frescas d'agua corrente e limpa.

E não é quasi que toda a Felicidade de uma vida?

MARIO PEDERNEIRAS

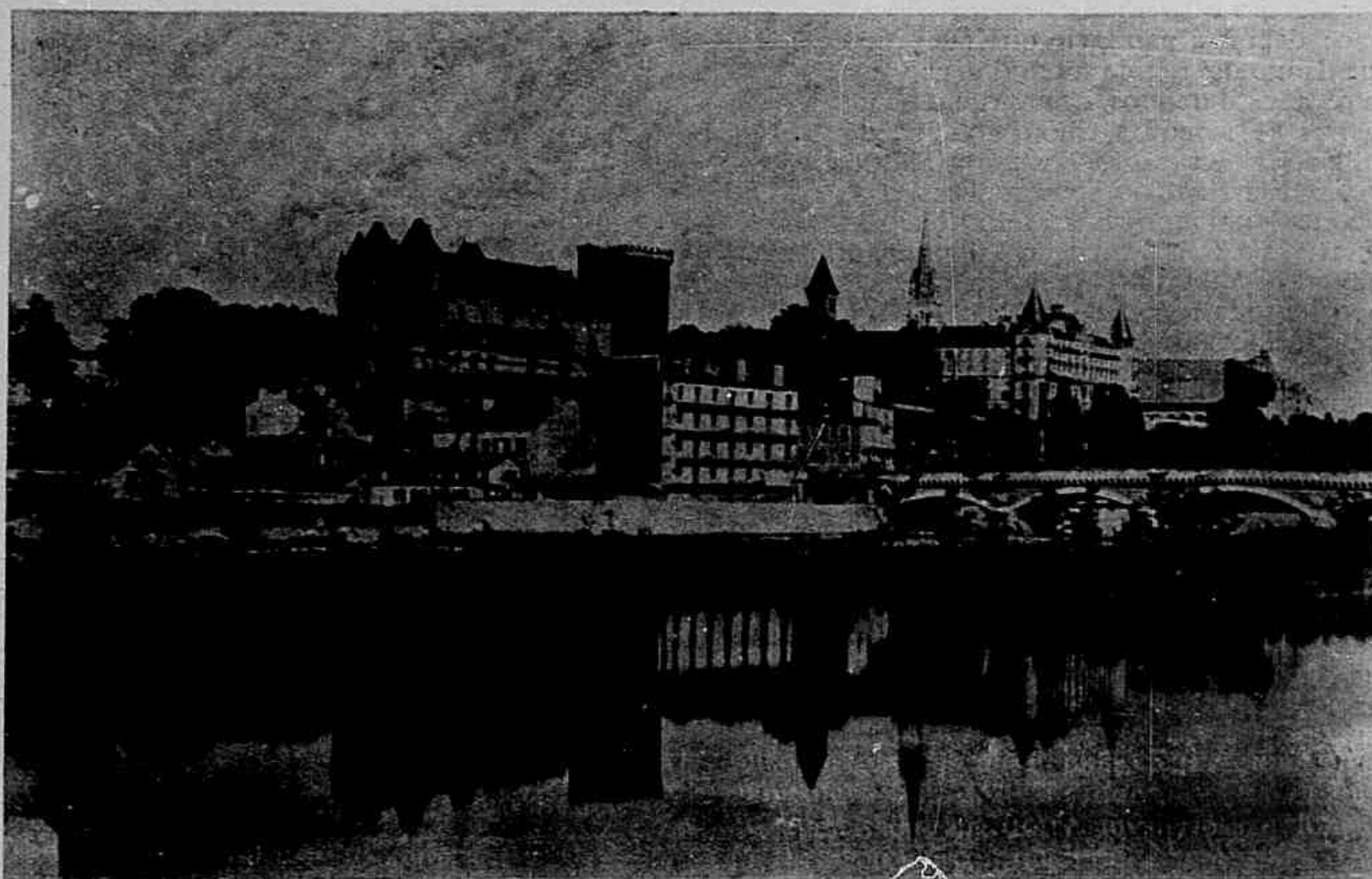
Novembro 906.

PAU

A CIDADE, AS MONTANHAS, OS ARREDORES. O CASTELLO E O CULTO DE HENRIQUE IV

A situação de Pau é como a de um esplendido palacio dentro de um bosque umbroso com murmurios discretos de aguas — cascatas e ribeirinhos; no fundo do horizonte, altos, solemnes, magestosos erguem-se os Pyrenêus; e as suas pontas esguias são como immensas flechas que gigantes atirassem da terra para o céu. De manhan, ao romper do sol, as montanhas que se destacam da bruma da madrugada parece que se movem na transparencia da luz, como corações offegando; no crepusculo, quando o sol se apaga, as altas pedras, viuvias dos seus beijos fecundos, adormecem, mudas e negras, envoltas na paz e no silencio da solidão. Entre os Pyrenêus todo um fresco valle se estende; e o Gave, que, ora corre na planicie, ora serpenteia entre arvoredos, alegre, murmuro e saltitante, tem uma melancolia bucolica, e o ruido igual no leito macio e o choro intermitente entre pedras as-

peras são como o som de uma fruta pagan. A's vezes, sobre uma ponte que corta o rio, esfusia e foge o foguete horizontal do caminho de ferro; outras vezes, na estrada de rodagem que o margina, passa um lento carro de bois — caminhando com as aguas que vão para o mar e com o sol que vae para o occaso, os tres para o mesmo destino,—para a renovação do trabalho, para o turbilhão da existencia. E Pau, feudal e nobre, do alto do seu terraço olhando para as montanhas, parece uma eternamente joven castellan que desperta e abre as janellas da sua torre mysteriosa e longamente aspira e consoladoramente respira o ar sadio d'esses campos, d'esses valles, d'essas montanhas, d'essa privilegiada terra béarneza. A parte baixa da cidade, onde estão as casas modestas da gente pobre, a estação da estrada de ferro, fabricas e moinhos, communica-se com a parte alta ou por simples ladeiras ou pelas escadarias de ferro que vão ter ao lindo, ao incomparavel *boulevard des Pyrenées*, onde se erguem os grandes hoteis, frequentados no Outono e no Inverno por toda a gente rica da Europa e da America do Norte, porque Pau é uma das mais saudaveis estações hybernaes. Não tem, porém, o ar pretencioso de cidade adulada e visitada; apesar de ser hoje cabeça de comarca, séde de uma Côte de Appelção e outras coisas inoffensivas. Pau continúa a sêr unicamente a antiga capital do



Béarn, gloria para a França e não da França, como dizia Henrique IV. Tem o ar de provincia, mas provincia feliz na sua vida modesta, sem o postiço de Bordeaux, sem a profunda tristeza de Lyon. As suas grandes arvores ainda nascem livremente em solos naturaes, sem argamassa e sem ferro, e como a temperatura é sempre igual, como o vento é apenas brisa e não levanta poeira, essas filhas dilectas de Deus, verdes, frescas, rumorosas, abrem triumphalmente as cópas no ar, felizes e consoladoras, deliciosamente diferentes das suas irmans que medram nas outras cidades. Não são « arvores da rua »

« ... conselheiras e frias,

Sem a grande expansão e as grandes alegrias
Das provincianas »

de que Mario Pederneiras fala com tanta magua, com tanta saudade, com tanta melancolia.

E' bom, é salutar, faz bem á alma ir vêr o adormecer da Natureza, junto as grades do boulevard dos Pyrenêus, em frente á Place Royale. A' proporção que o sol se esconde, uma illusão cresce nos olhos; no meio-tom diluido do crepusculo, as montanhas fogem no horizonte, como altas mastreações de navios em um mar de procella; o Gave corre assustado; depois a paizagem diminue como que dando um rapido mergulho na treva; entre a verdura dos bosques e as côres alegres de vivendas campestres, sobe a collina de Jurançon, desce o valle de Ousse. Entretanto o sol agonisa; já nos campos longinquos bruxoleiam luzes incertas; na curva de uma rua, illuminado e aberto, passa um bonde electrico; de repente toda a cidade resplandece nos grandes focos de luz tranquilla. E apparecem as estrellas. Então, sob o silencio e a calma da noite, a cidade parece adormecer, na saudade das montanhas amadas, do claro sol do Sul, feliz e tranquilla, como quem nada receia do passado, como quem nada mais quer do presente. Mas uma orchestra fere os ouvidos: é o *Casino d'Hiver*, num extremo do boulevard com o seu esplendido palmarium que lembra uma flora americana, com o seu theatro, a sua roleta (cavallinhos), as suas cançonetas obscenas que vão alli, como para lembrar aos Béarnezes simples o encanto, a fascinação de Paris...

Jogadores, cançonetistas, *sportmen*, estrangeiros, — nada d'isso muda a simplicidade natural de Pau, que sob o ponto de vista geographico é uma situação maravilhosa, como

clima, um folle que prolonga a existencia, como historia — a saudade, o carinho, a eterna glorificação de Henrique de Navarra,

« le seul roi dont le peuple ait gardé la memoire... »

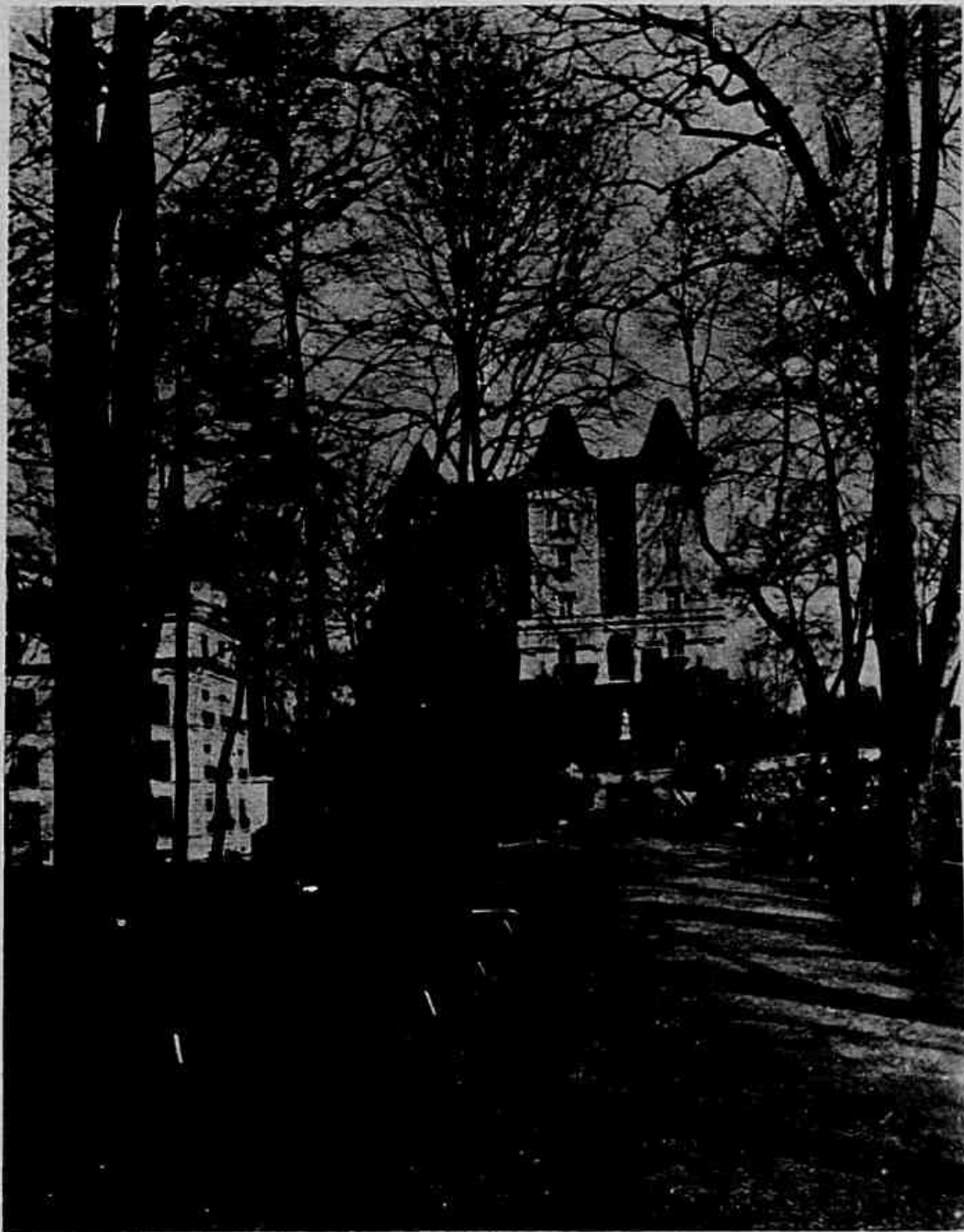


A historia de Pau está no Castello, e a historia do castello é longa; mas em verdade pouco importa que o Béarn tenha sido conquistado pelos Romanos no primeiro seculo da Era Christan; que depois de implantada a religião de Jesus por S. Julião, primeiro Bispo de Beneharnum, o paiz tenha sido successivamente invadido pelos Vandalos, pelos Visigodos, pelos Francos, pelos Sarracenos; que dependesse da Aquitania como feudo offerecido por Louis-le-Débonnaire a um Principe descendente de Clovis; que desde o seculo X tenha sido governado por trinta Viscondes. Um dos mais illustres soberanos do Béarn, antes do grande Henrique, foi certamente Gastão-Phoebus, nobre cavalleiro, principe galante, batalhador esforçado, namorado e poeta, mas

com tudo isso um monstro de maldade, assassino cruel do irmão e do filho. Outros Gastões e Franciscos vieram, até que em Fevereiro de 1485, os Estados reunidos no Castello, depois do reinado dos Merovingianos, dos Moncades e dos Foix, inauguraram a Casa d'Albret com Jeanne, filha unica de Henrique II e de Margarida, que depois de recusar o casamento com o herdeiro da corôa de Hespanha que mais tarde foi Felipe II e com o Duque de Clèves, casou com o Duque de Vendôme, descendente de S. Luiz e assim entroncou a sua casa com a casa illustre dos Bourbons. O seu reinado foi uma serie de luctas, um duello com Catharina de Medicis que já então dominava a Carlos IX, batalhas, fugas, perda da soberania, reconquista da independencia com o auxilio de Montgomery. Os Parlamentos de Toulouse e de Bordeaux, por ordem do Rei de França decretam a confiscação dos bens de Béarn; o visconde de Terride, official do Duque d'Anjou, põe-se em marcha para submeter a Navarra; alguns bearneses illustres, seduzidos pelas promessas de Carlos IX, trahem a Patria, ajudam os inimigos e em Poutacg e Nay, os Protestantes vencidos são cruelmente massacrados. E' então que Montgomery, á frente de tres mil homens derrota o exercito de Terride, a quem torna seu prisioneiro no castello de Moncade; mas só guardou consigo os chefes bearneses rebeldes — Gerderest, Aydie, Ste.-Colombe, Goès, Sus, Abidos, Candau, Salies, Pardiac e Favas que no dia 25 de Agosto de 1569 foram apunhalados no castello de Pau, em seguida a um banquete em que lhes annunciaram a liberdade.

E', porém, sob Henrique de Navarra, que o Béarn tem a sua mais brilhante historia. De resto tudo em Pau é Henrique IV: rue Henri IV, Bains Henri IV, Hotel Henri IV, Buvette Henri IV, Agence Henri IV, Boulangerie Henri IV, Pharmacie Henri IV, Tailleur Henri IV, Magasin Henri IV; a cada passo se vê o H symbolico ou se mostra o seu escudo. São tres marcos, fincados no chão, ligados em cima por uma trave horizontal em feitio de canga; de cada lado do poste central, dando costas aos dois extremos, duas

vaccas se olham, cada uma com uma corôa, um pouco acima dos chifres; sobre o marco do centro equilibra-se uma ave; e em cima, quando o braço muda de côr, no quartel direito está o H, no esquerdo o IV, e na cumiera, sob a corôa real descança o berço de tartaruga em que nasceu Henrique; como que voando sobre as armas, a inscripção: Urbis, Palladium et Gentis. Dahi vem o nome de Pau, que em dialecto quer dizer «poteau», — marco, mas que se pronuncia no mesmo dialecto como si fosse em portuguez — Páu; as tres estacas do escudo symbolisam os tres postes que se plantaram no terreno do castello, para demarcar a extensão da propriedade; o páo do meio (*pieu* em francez, *páu* em béarnes) deu o nome ao castello que desde então se ficou chamando Chateau de Pau, em béarnes *Castet du Páu*, ainda com a pronuncia como si fosse portugueza.



O principal commercio de Pau consiste nos lindos objectos em marmore dos Pyrenêus e em tudo quanto seja lembrança de Henrique IV: os cachimbos de louça azul, branca e amarella têm a cara de Henrique IV; as porcellanas têm o mesmo retrato ou o amado H; as caixas de joias, de pó de arroz, de tabaco, de rapé mostram na face a cara sympathica e ironica de Henriot; um objecto muito vendido é a celebre gallinha que Henrique desejava que todos os domingos o camponez pudesse pôr no fogo. E' uma exploração? Será, mas uma exploração innocente porque em geral os objectos são bonitos, e os commerciantes não veem á porta assaltar os transeuntes como tão indecentemente fazem em Lourdes. De resto, si os *Palois* ganham dinheiro á custa da memoria do Rei Henrique, têm por elle uma admiração sem limites, um amor filial, um culto que é quasi sagrado. Referem-se ao «notre bon Roi» como si o tivessem conhecido, como si lhe tivessem falado, como si fossem intimos seu. O cocheiro do carro conta que um dia, quando Henrique de Navarra «já era dono da França», entrou na sala o Embaixador de Hespanha que ficou muito admirado de vel-o de quatro pés no chão, com um filho ás costas. Mas «notre bon Roi», sem interromper o brincando, perguntou-lhe sorrindo

— Avez-vous des enfants, monsieur l'Ambassadeur?

— Oui, Sire.

— En ce cas, je puis achever le tour de la chambre.

O creado do hotel conta a historia do celebre bilhete que Henrique IV, depois da batalha de Arques, mandou ao «primeiro capitão do mundo»:

Pends-toi, brave Crillon, nous avous vaincu sans toi.»

O cabelleiro lembra a outra phrase não menos celebre: *Suivez toujours mon panache blanc!* E o sachristão, mostrando a alegre, a bella igreja de Saint-Martin, lembra a morte tragica de Jeanne d'Albret, mãe de Henrique, no baile, calçando as luvas que Remi envenenara por ordem de Catharina de Medicis, — eterno realejo, que, com o milagre do espinheiro e a janella de Carlos IX, no Louvre, fez com que Pécuchet, na sua época de historiador, perdesse a confiança em Dumas.

Todas essas coisas que a gente leu em compendios, em obras de Historia e que depois encontra nos ridiculos disparates de Ponsou du Terrail, e na poetica fantasia do velho Dumas, — contadas em Pau, por aquella gente simples e boa, têm um ar de verdade e de dogma. Henrique IV é verdadeiramente adorado na sua cidade natal; na Place Royale,

entre gradis está a sua estatua de marmore, obra de Raggi. Henrique está de pé, sereno e tranquillo, com a mão direita espalmada, como apontando para a sua terra; ao seu lado está o celebre capacete com o altivo penacho; em duas faces do pedestal vêm-se dois baixos relevos, referentes á sua vida; inscrições nas outras duas, uma das quaes é esta: «Lou nouste Henric» — «Henrico Nostro Pia Nepotis Augusti Munificentia Revivivo»

Mas é propriamente no castello que estão as mais vivas, as mais palpitantes memorias de Henrique de Navarra.

Sobre o planalto em que está assente a cidade, na confluencia do Gave e do Hidas, dentro de um parque magnifico, erguem-se as seis torres do Castello, subindo entre as arvores verdes, que são como um bando de raparigas fortes e bellas, cercando uma familia de avós. A' direita do grande pateo, em frente á antiga entrada principal do feudo, está situada a torre *Monte-Aüzet*, que quer dizer Monte-Passaro, porque, por falta de escada, quem lá quizesse chegar teria que voar... E' misteriosa e quasi sinistra; ahi existia antigamente um grande pôço, e nas muralhas estavam encravadas cellas de prisões, especies de *oubliettes* como havia na Bastilha de Paris. Da torre de Billère, quadrada e de quatro andares, vê-se Billère, onde esteve Henrique em creança. A torre de Luis-Philippe, construida sob o reinado desse principe, está em face a de Mazères. O torreão ou torre de Gastão Phebus é a mais alta e a mais forte do castello. A Torre-Nova, restaurada em 1838, já tem, como a de Luis Philippe, um ar moderno e alegre. E assim, com as suas pontas de pedra e de tijollos, ergue-se, sobre uma collina de herva e de gramma verde o Castello de Pau, a casa de Henrique IV.

Logo á entrada o pateo prende a attenção; quasi todo ornamentado por Margarida de Valois, que para isso fez vir da Italia os meliores Artistas, elle offerece ao encanto dos olhos, nos medalhões e na parte decorativa, uns caprichos do mais puro estylo da Renascença. Para além da ponte, fronteira á estatua de Gastão Phebus, estende-se o parque, ora liso nas aléas sombrias, ora irregular entre as moitas silvestres.

O interior do castello está muito modernizado; desde 1838 fazem-se-lhe reformas; Napoleão III terminou o mobiliario que é elegante mas não diz com o todo do monumento. No rez do chão, está a sala dos guardas, onde se admiram uma celebre abobada com a moldura em meia cana saliente, uma grande chaminé, uma cadeira com as armas esculpidas de França e de Navarra e um lustre de cobre, estylo Renascença. Da sala dos officaes, com paredes de fortaleza, passa-se ao

grande comedeiro, antiga sala d'armas, onde outr'ora se reuniam os Estados de Béarn. A mesa de jantar tem espaço para cem talheres. A Revolução installou ali uma estrebaria!

As tapeçarias de Flandres que a enriquecem foram encommendadas por Francisco I para o Castello de Madrid, nos Campos Elyseos. Representam scenas de caça e allegorias aos mezes de Junho, Setembro, Novembro e Dezembro. Escostado á parede está um relógio de ebano, de bronze e cobre doirado, admiravel trabalho de éstylo Luiz XIV. Ao fundo da sala, em marmore branco e tamanho natural, está a mais parecida estatua de Henrique IV, feita em vida sua pelo escultor Francavilla, doada ao castello por Luiz XVIII em 1819.

A grande escadaria que conduz aos tres andares da parte sul do castello é no genero uma das mais bellas obras da Renascença, notavel sobretudo pelo tecto, com desenhos de talha, que variam em cada lanço. Na sala de espera, todo o mobiliario é moderno; apenas nos muros, as tapeçarias de Flandres e de Gobelins, têm um ar de archaismos elegantes, das nobres edades do galanteio, da caça e do amor. A sala de recepção é a mais notavel do primeiro andar; as tapeçarias flamengas da época de Francisco I contam scenas de jardinagem e pesca, da caça do falcão, da

tosquia dos carneiros e dos atiradores de arco; um grande jarro de Sèvres, sobre uma mesa, é como a propria estatua da Fragilidade e da Graça; ali tambem se aprecia uma linda mesa de carvalho, mosaico, porphyro e agata, presente de Bernadotte.

Nos ferrolhos das portas está a corôa real, com a inscripção: «Protegit H». Num dos lustres de bronze doirado vêm-se as armas de Villiers de lisle Adam (e não L'Isle). Nesse salão foram apunhalados os dez chefes béarneses. Será talvez que um dos antepassados do illustre auctor dos «Contos Cruéis», amigo de algum Conde Gastão da Navarra, poeta e cavalleiro, tão leal servidor se tenha mostrado, que para maior fama e gloria do seu nome, merecesse o brazão de familia figurando entre os dos soberanos de Navarra. Num pequeno gabinete, chamado a sala da Familia, repousa immovel e mudo um cravo em laca da China por cujo teclado correram os brancos dedos de Maria Antonietta. Nesse primeiro andar percorrem-se ainda tres salas, cobertas de espelhos, de tapeçarias, de armarios e de objectos modernos.

E' no segundo pavimento que estão os aposentos de Jeanne d'Albret e de Henrique IV. Na camara em que dormia a mãe do grande Henriot descança um lindo leito de carvalho esculpido, datando de 1563; ali,



porém, o maior encanto é o das tapeçarias de Gobelins—Deus apparecendo a Moysés, o Inverno e a Primavera, Tobias e «la toilette de Vénus», uma das maravilhas do Castello. Depois, o oratorio de Jeanne, e finalmente o quarto em que nasceu Henrique—o—Bérnez, no dia 14 de Dezembro de 1553, ouvindo sua mãe que cantava, a pedido de Henrique II,

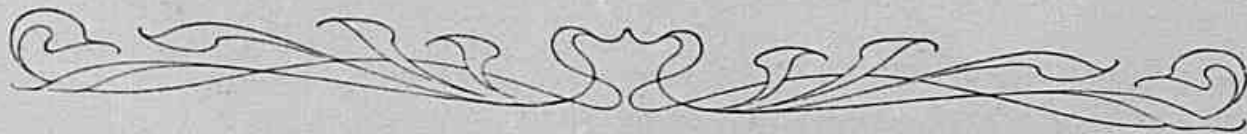
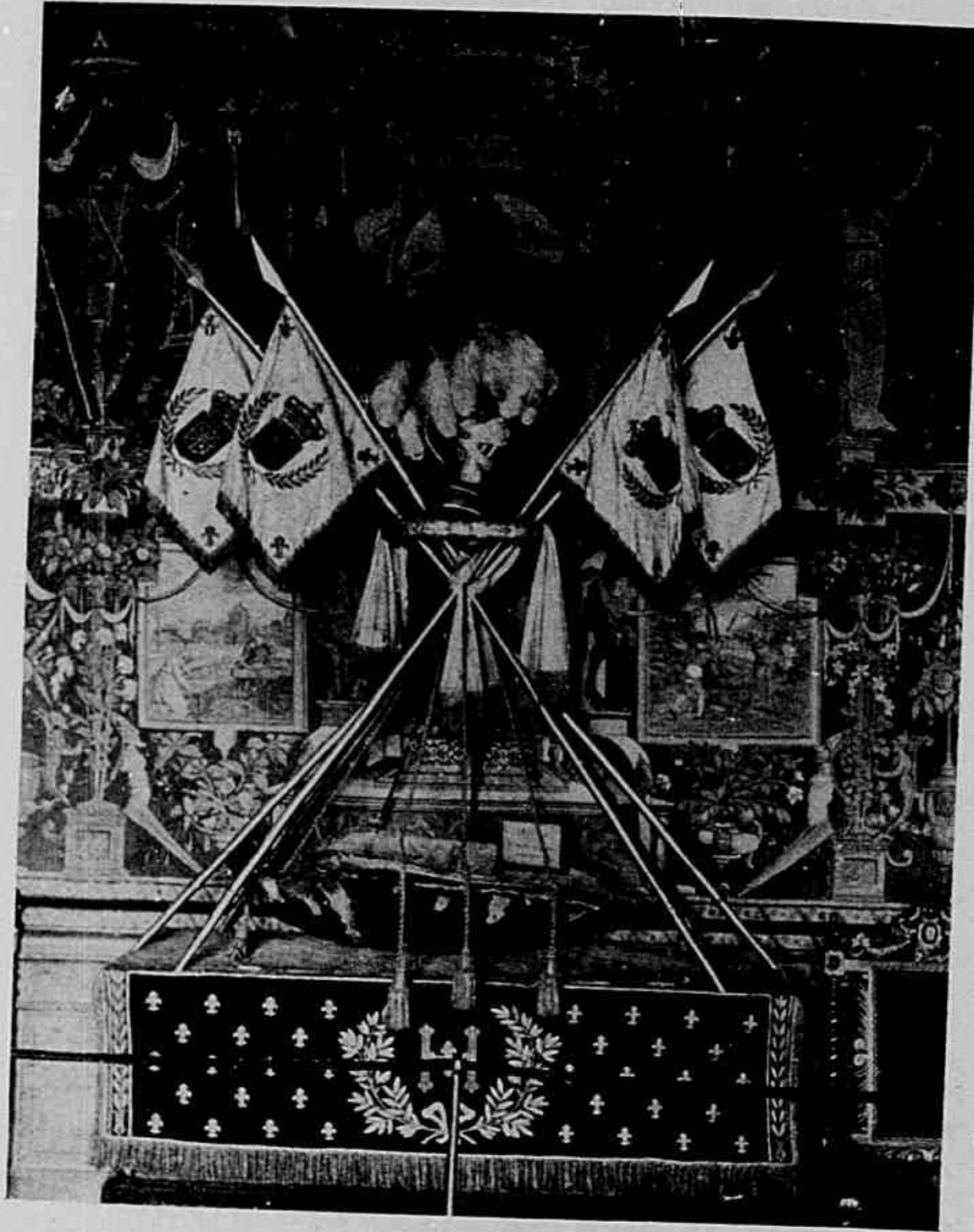
seu pae, para que o doce ente não fosse um menino «pleureur et rechigné»,—chorão e rabugento. No meio do quarto está uma cama onde Henrique dormiu, já homem, obra-prima de esculptura, ornada de setenta e cinco medalhões, em cada um dos quaes resplandece a figura de um rei ou de um guerreiro.

O que chama porém, a attenção é uma casca de tartaruga que está junto á chaminé, ornada de estandartes, encimada por um capacete emplumado. E' o berço de Henrique IV. Em vão os historiadores farão pesquisas eruditas sobre a authenticidade dessa tartaruga historica, porque ao contemplal-a, a gente pensa comovida que foi alli que se embalou o grande Rei, o rei espirituoso e sympathico, namorador e diplomata, atrevido e discreto, que mereceu do odio de Catharina de Medicis a execução de um dos maiores crimes do Christianismo, e que quando se preparava para dar a cada camponez uma gallinha dominical, cahiu morto pelo estúpido punhal de Ravailac. E tambem e consoladoramente se pensa que não nascer em berço de oiro não é uma prohibição para ser illustre.

Por uma janella aberta, um raio de sol doirou as lanças dos estandartes e o metal do capacete; as plumas enfunaram-se como aos ventos gloriosos das batalhas remotas; lá fóra as arvores ramalhavam; e um pouco da vida ambiente parecia animar aquelle berço vazio, que por ter acalentado uma existencia era para sempre immortal,—como a luz que vinha do Céu, como o aroma que subia da Terra.

Madrid, Outubro de 1906.

THOMAZ LOPES.



Ao chegar do Verão

A gente do grande tom, a alta sociedade elegante e dinheirosa parte para as montanhas e para as *thermas*.

Vae a virgem natureza das serras, vão as varzeas e logarejos provincianos, quietas, desmanteladas villas sertanejas, admirar-se da charlarieta parceirada fidalgote, que por lá se espalhará aos bandos e aos casaes, qual mais ostensivo de maneiras nobres, qual mais impando de farta pecunia, trajos espaventosos e modos restaqueros, obesidades tremulantes em que resplandecem cadeias de ouro, composuras tersas de grandes senhores em collarinhos reluzentes, e lymphatismos romanticos, de uma picante ternura de flôr emmurhecida ao calor dos collos, incipiencias morbidas que poem coriscos nas medulas dos experimentados nos peccadilhos galantes, nervosismos refinados na convivencia apuradora dos *five ó clock* e no *flirt* do mundo rico...

O ar puro das veigas e das penedias, onde quer que se elevem quatro paredes caiadas com uma taboleta de hotel, rescenderá de essencias preciosas das retortas celebres de Roger Gallet e Houbigant, por essas tardes veranicas em que o cheiro tonico das macegas, causticadas do sol, é como um filtro de amor para os simples que não conhecem velutines nem pulverisadores de aromaticos.

E enquanto por lá, nesses deliciosos remansos transformados em encantadores infernos, toda essa riqueza se agitar nos seus enlufantes tecidos de preço, abrindo sob os ramalhos das *quaresmas* a claridade branca ou o escandalo vermelho de umbellas com o cabo em prata cinzelada, a colleccionar exotismos da flora, rutilos insectos ou mineraes raros por desfazio do ocio; enquanto a paisagem se animar com a casquinada dos *pic-nics*, os ipês ensombrarem, protectoramente, os idyllios livres, a tecelagem fina das meias e o perfumado couro amarello dos sapatos de villegiatura espantarem a ingenua gentalha das roças, pasmada de tanto luxo e tão complicadas cousas, nós outros, jungidos aos deveres, magros de bolso e tropegos de pernas, pobres diabos sem fortuna, sem credito, sem sogro commendador, aqui ficaremos na poeirada da cidade, a curar mazellas, a retemperar os minguados restos das forças nas salsas aguas das praias.

E, graças a Deus, temos praias!

* * *

Ahi estão ellas, pelo extenso littoral, desde os lodos negros do Cajú até o pendor granitico da Urca; desde as areias claras da Copacabana, espumejante e vasta, até as costas marulhosas da Tijuca, toda verdejante de pomares e lavouras.

E como são bellas as nossas praias! Partimos pela manhã, n'um banco de bonde, para as restingas do Leme, para os areiaes do Le Blon, perfumados de cajueiros em fructos, para os risonhos limites dos sitios da Gavea. E' um goso estender-se a vista por esses pittorescos logares, onde uma civilisação arremedada, mais simploria que pretenciosa, vae levantando modernas vivendas... para quem ganha riquezas na Bolsa mas que, de onde em onde, ainda conservam seus velhos colmos singelos irrompendo dos laranjaes, em meio de um varrido terreiro preparado para a secca do milho e do feijão da pequena roça em derredor. Resta-lhes ainda uma pouca de sinceridade rustica, esse insinuante aspecto de lhaneza primitiva em que se consubstanciam virtudes de vez em vez mais raras, e é de lastimar que essa boa gente lavradora não possuía a palhóça de um pequenino curral onde se pudesse ordenhar de ubres turgidos farta tijela de leite puro, nem saiba estender uma toalha em mesa tosca, á sombra de larga fronde, para nos merçar um cabaz de fructos saboreados ao ar livre, travosos do pomar onde a mão de trabalho os fôra colher de momento... Porque entre as cousas boas desta triste existencia devemos contar o prazer da graça de uma mulherzinha elegante, ainda mesmo que não seja loira, a tasquinar conosco bocados humidos de sapatos ou pedacitos saborosos de *fructos de conde*. E dê-se que, ao nosso lado, tenhamos uma vivaz morenita, desses diabinhos que parecem anjos, toda palrice, toda sorrisos de jaspe polido em polpa cheirosa e rubra de melancia madura, nossa mulher ou... que não seja!... nossa camarada e companheira... Digam-me sizudos Catões com o carregado senho de contemporaneos e inexoraveis Berangers, graves moralistas de orelhas bambas, digam-me se ha no mundo goso que se compare ao desse momento feliz, arvores em torno, flores rescendentes, mesa repleta de fructos, cantaros de leite e dentro dum caramachel de passifloras sob um céu que parece ter vindo dos fornos magicos de Sévres, eu ou tu, qualquer de nós leitor amigo, e uma rapariguita moça, mais irriquieta que um passaro alegre, em linhos brancos, fôfos e bordados, como se vestisse nuvens claras do meio-dia, e com um pimpante chapéo de palha, de véo ao vento, sobre o reduzido ninho de uma noite misteriosa que tal se nos afigura a trunfa quente de seus cabellos negros...

Mas, se nos falta aquillo e mais isso, que tão facilmente se encontra em humildes terreolas da Europa, não nos faltam á retina bellezas que a impressionem.

E até as planuras brancas das praias onde os vagalhões escabujam marulhosos, vamo-nos distrahidos e felizes, esquecendo miserias e desmemoriando fadigas, seduzidos pelo ca-

pricho da bizarra vegetação dos tropicos que alcatifa a rudeza dos penhascos e atapeta as restingas, ali em bastas ramarias e bojudos empolos do mais variegado verde, aqui em asperezas de gravatás e agaves ou em cópas escuras de arredondadas pitangueiras e contorsões bravias de cajueiros pintalgados.

* * *

Mas, como têm sido abandonadas as nossas lindas praias!

Os que necessitavam de banhos de mar, por prescrição medica ou por simples intuição hygienica, corriam para as pequenas e insalubres praias do centro da cidade, avizinhas dos bairros commerciaes, taes eram as do Boqueirão do Passeio, do Flamengo e, um pouco mais longe, a da Saudade, nas quaes a *City Improvements* estabeleceu suas machinas de descarga...

Era nessas aguas impuras e, por vezes, fetidas, na proximidade dos esgotos da tortuosa metropole, de hontem, que uma população se banhava e procurava sanar o corpo!

Não causava, porém, admiração esse desasseio, que resultava de desculpavel ignorancia e, sem duvida, do nosso mal entendido espirito de economia; mas, o que realmente faria um santo perder o sizo, era a indiferença com que os poderes publicos consentiam o uso de taes banhos, quando estava na mais rudimentar comprehensão a sua inconveniencia por impropriedade do local e impureza das aguas.

Com estas importantes razões de hygiene outras se emparelhavam. Não são menos dignas de attendimento as que diziam respeito á rudeza, a selvageria de alguns dos nossos habitos, que soffreram o modelamento do brutal utilitarismo dos nossos antepassados. Assim tudo que constituia goso de vida, encanto ou necessaria futilidade para amenisar o peso da trabalhosa existencia, cahia em pena inexoravel por ser superfluo, deseconomico e indigno a quem pretendesse conceito de gente honesta e sã.

A frequencia dessas praias tinha a sua explicação neste estreito entendimento da utilidade. E pensando em economias, a população entregava-se, inconscientemente, a influencias perniciosas, que lhe podiam causar danos irreparaveis.

Não sabemos se isso, que a construcção da bella avenida á beira-mar fez desaparecer dos nossos habitos, voltará a se reproduzir, mas julgariamos obra de louvavel previdencia si se fizesse uma lei prohibitiva para taes banhos nos mencionados logares.

Em uma cidade como a nossa seria facilimo obter-se banhos de mar nas mais rigo-rosas condições hygienicas—bastaria o intelligente aproveitamento das praias oceanicas, a que nos dão commodo e rapido accesso as linhas de carris. Com tão bellas e excellentes praias costeiras poderiamos ter luxuosos esta-

belecimentos balnearios, em que fosse possivel uma longa hospedagem de estação, com todas as exigencias do bem-estar material que n'uma terra civilisada se offerece aos seus habitantes.

* * *

Dirão que a vida em commum nas praias é mexeriqueira e dissolvente, não contestaremos; mas, não incorreriam as praias do Rio de Janeiro neste reparo, em verdade prejudicialissimo, porque a visinhança do centro da capital impediria o agglomerio ocioso dos homens e a *irmandade* bisbilhoteira das senhoras.

Pela facilidade, barateza e rapidez dos transportes, os homens poderiam continuar seus affazeres quotidianos, descendo aos seus negocios e empregos, e as senhoras se dispersariam em passeios, visitas ou compras, com a mesma commodidade de que gosam em suas moradias de arrabalde.

Por esta fórma a estação balnearia teria os encantos de uma existencia tranquilla, hygienica e livre, sem prejuizo dos trabalhos e occupações de cada um. Seria incontestavelmente uma delicia. Construir-se-iam em escolhidos pontos da nossa extensa costa oceanica, incomparavelmente bella, confortaveis *Casinos*, providos de todos os melhoramentos precisos para a commodidade de uma temporada veranica; far-se-iam salões de musica, vastos, arejados, vistosos como os melhores *music-halls*, onde excellentes orquestras dariam Beethoven, Mozart, Wagner... caso as meninas dengues e os commendadores cabeçudos não preferissem lundús e walsas de dançatas; haveria um palco para espectaculos ligeiros, uma sala de leitura... sem duvida pequena, mesmo pequenina, porque pouca gente lá iria: haveria tambem um salão de jogo, esse o maior possivel, attendendo-se as predilecções da nossa alta sociedade; e obedecendo a um plano especial, ponderadamente tracejado, dar-se-ia aos que amam o isolamento, a independencia almejada, de modo a se esquivarem, sem constrangimento ou grosseria, da convivencia dos communicativos e ruidosos.

E assim, senhores, destruiriamos de uma vez para sempre essas barracas de taboa suja e de aspecto repellente de poleiros de quitanda, que afeiavam o nosso littoral; esse costume de banho á força, sem um attractivo que nos disfarçasse a aridez da vida, essas praias a dois passos da rua por onde rodam matutinas carroças de lixo, correm os bonds atulhados de gente e chalaceiam maltrapilhos descalços. Só assim, senhores, iremos conquistando aos poucos os fóros de civilisados, de que fazemos tanto alarde, mas que se desmerecem e nos ridicularisam deante dos feios, dos rudes, dos selvagens costumes que ainda mantemos.

GONZAGA DUQUE.

O RIBEIRO

NO principio, querendo o Senhor estabelecer a ordem perfeita e firmar a harmonia entre as creaturas para que, a todo o tempo, não lhe chegassem queixas de opprimidos ou de descontentes, descia, de quando em quando, á terra e, ainda que tudo lhe parecesse bem, dissimulando em humildade a sua omnipotencia, escondia-se na folha da arvore, na penna do passaro, na petala da flor, na gotta d'agua, na estriga, no grão de areia, na centelha do lume, no espirito do homem, no coração do animal e escutava, na intimidade, o que pensavam ou diziam e, se achava razão na queixa corrigia, se ouvia louvores exultava.

O passaro bemdizia-o porque Elle lhe déra a aza e o canto, a flor agradecia-lhe o perfume, a arvore a folhagem, a serra o arvoredo, o rochedo a fonte e o musgo, a caverna a sombra e o silencio, a mina os filões de ouro, o homem o pensamento, a fera a liberdade e o mar não se cançava de desdobrar os vagalhões admirando-lhes as rendas brancas de espuma que se espalhavam nos areas.

A terra era uma immensa alegria—todas as vozes, ainda as mais humildes, como a das formigas que carreavam achegas e a das abelhas que recolhiam o mel, eram de agradecimento a Deus. O proprio cardo hediondo mostrava-se ufano da flor que se abria nos seus galhos aleijados.

E Deus parecia contente com o que fizera e, retomando a forma divina, envolvendo-se na aureola prefulgente, já se dispunha a regressar ao ceu quando ouviu o murmuro lamentoso que subia de um ribeiro.

Approximou-se da margem, toda vestida de verdura florente e, inclinando-se sobre as aguas passageiras, reteve-as perguntando-lhes porque se queixavam.

—Senhor, disse o ribeiro, a tudo destes liberdade: os passaros vôam por onde queiram—se lhes apraz a montanha batem azas, lá vão; se está em flor o bosque ao bosque

se dirigem. Passam as aguias e as lavandiscas, são livres, têm toda a terra e todo o espaço; o homem erra á vontade por todas as devezas, os animaes percorrem as florestas, atravessam as campinas e os desertos, eagem a moradia que lhes convem; a estrella brilha no ceu e fulge nas aguas; a terra levanta-se em poeira e vae crear ilhas nas rochas do mar largo e as vagas do mar, se desejam o sol, chegam-se ás praias tepidas e douradas, quando querem o repouso recolhem-se nos extremos do mundo e dormem congeladas; eu só não tenho o direito de deixar esta prisão estreita nem de retroceder, o que fazem os pequeninos peixes que nascem no meu seio, mais livres do que eu porque podem ir e vir, zombando da correnteza. Sou um captivo. Quizera poder insinuar-me nos bosques, repousar um minuto á sombra das arvores, correr as areias claras do deserto, rolar pelas ribanceiras alfombradas, ser livre, emfim...

—E' quanto queres?

—E' tudo, Senhor.

—Assim seja. E logo, desfazendo as ribanceiras que continham as aguas do ribeiro, deixou-as o Senhor livres.

Precipites, com murmuro alegre, correram pelos campos, invadiram a floresta, alastraram o deserto, metteram-se pelas furnas.

Mas a floresta reteve as que lhe chegaram e, juntando-as em lago, matou-as formando com as miseras, dantes tão limpidas e vivazes, o tenebroso e taciturno pantano.

O deserto, de arêas quentes, mal sentio as aguas erradias, logo, sofrego, as devorou; as furnas, cheias de pedras, em declives escabrosos, precipitaram-nas de queda em queda.

De todos os lados, então, subiram lamentos doridos: no pantano, as vozes das aguas agonisantes que se sentiam abafar pelas folhas mortas, pelos ramos seccos, escabujando, não sobre o saibro claro em que, dantes, haviam corrido, mas sobre um putrido lençol de lodo; no deserto, gritos das aguas que succumbiam devoradas pela sêde eterna dos areas resequidos; nas furnas o longo, angustioso gemido das aguas arrojadas de pedrouço em pedrouço.

Foi então que o ribeiro arrependido clamou em desespero:

—Fazei-me, Senhor, voltar ao leito antigo, dae-me a doce prisão das minhas formosas margens. Que fui eu pedir, insensato que sou! Pobres das minhas aguas! Dae-me, de novo, o antigo leito com as suas margens orladas de verdura, fazei-me tornar á minha prisão e que as minhas ondas continuem a brincar com as libellulas e com as borboletas. O' o tumulo negro, o pantano triste... Como me illudio a floresta! O' o deserto perfido e os antros traidores! Juntae as aguas dispersas que soffrem por minha culpa, que ellas tornem ao leito enxuto. Fazei-me, de novo, o ribeiro de outr'ora. E disse o Senhor:

—Foste o unico descontente. Entre tantos rios e ribeiros só tu reclamastes contra a minha ordem pedindo liberdade. Dei-t'a. Eras limpido, tinhas belleza e tinhas frescura e todas as tuas aguas corriam juntas, em alegre bando, por entre as sombras cheirosas. Qui-

zeste entrar na floresta, como o homem—lá estás em pantano; quizeste percorrer o deserto como os leões, as arêas devoram-te; quizeste voar como o passaro, o sol absorve-te; quizeste descer a montanha, os penhascaes precipitam-te e, querendo ser tudo nem ribeiro és mais porque a agua que te resta é uma lagrima escassa que desaparecerá no estio, com o ardor do sol.

E, sem mais dizer, subio o Senhor ao ceu e lá ficou na campina o raso fio d'agua, resto do ribeiro ambicioso, cujos membros jaziam dispersos:—na floresta rebalsados em pantano, torvelinhando em cachões nas furnas, no deserto em lençol humido que mal chegava para a sêde voraz das arêas adustas.

Desde então nunca mais as cousas se queixaram: servio a todas de exemplo o caso do ribeiro-ambicioso.

COELHO NETTO.

CAIXA DE AMORTISAÇÃO

Por sua excepcional formosura, ao mesmo tempo original e classica, afigura-se-nos o soberbo edificio da Caixa de Amortisação, um dos que mais realce e destaque emprestam á Avenida Central.

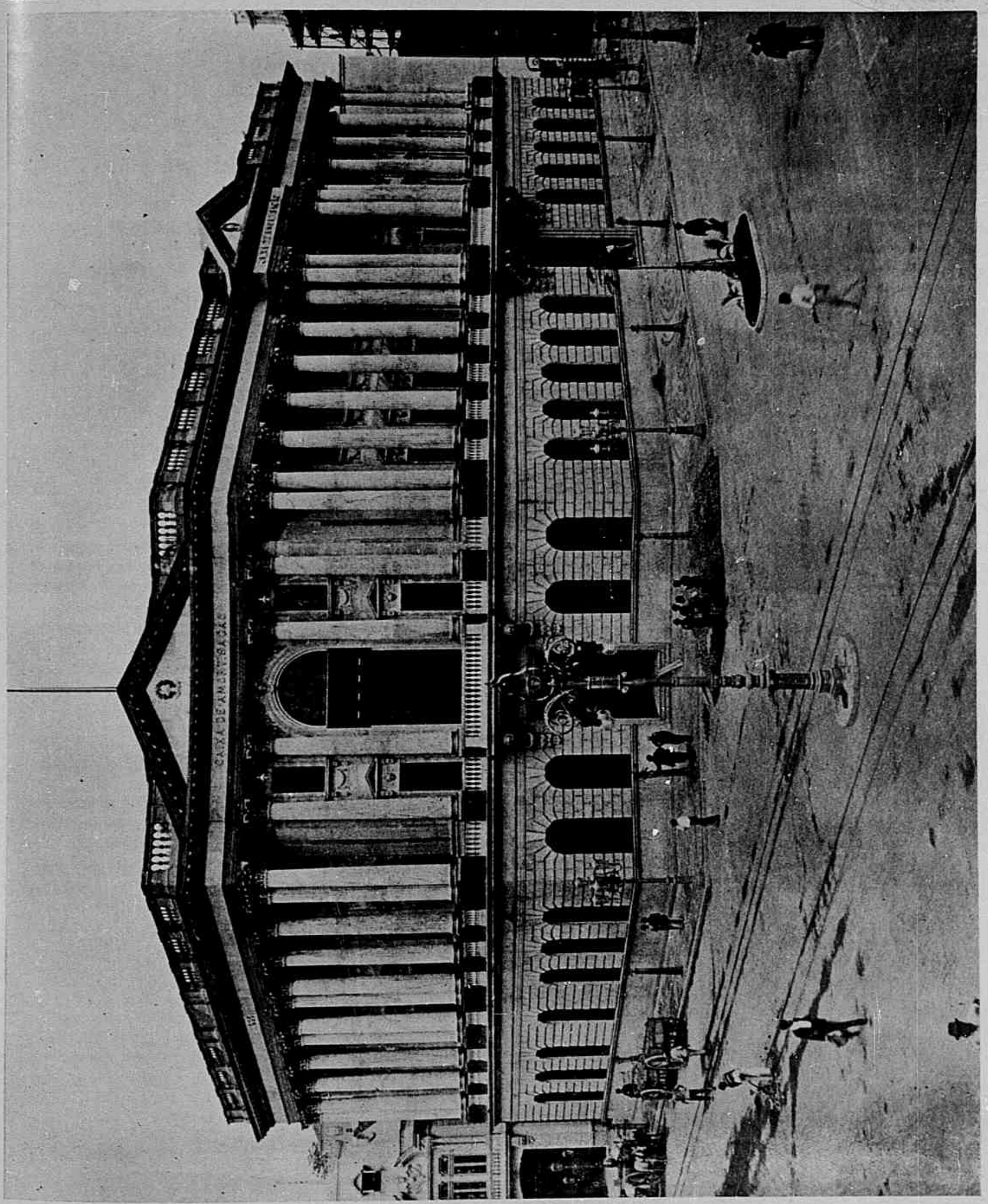
Localizado esplendidamente na altura dos ns. 28 a 36, medindo de frente 40 metros, 17 sobre a praça circular, 25 sobre a rua Visconde de Inhaúma, 22 sobre a travessa de Santa Rita e 63 sobre a passagem que o isola do Corpo da Guarda e do predio n. 13 da rua dos Benedictinos, a area por elle occupada ainda mais concorre para que a severidade de seus relevos attraia, desde logo, a attenção tanto dos leigos como dos competentes em arte architectural. Não vae exagero algum na affirmação de que o seu projecto vale por eloquente testemunho da proficiencia a mais rara. Unico en-

tre todos os nossos edificios de vulto, obedeceu elle, nos minimos detalhes, ás dimensões requeridas pelo classicismo e vem dahi, não ha negar, o imponente aspecto do conjuncto. E' este formado, como se vê da photogravura por 3 pavimentos: o 1º representa a muralha que sustenta a parte nobre do edificio e os demais ficam empolgados pelas columnatas.

A fachada, no pavimento terreo, é toda de cantaria, pertencendo á ordem jonica suas molduras e cornijas.

Trinta e quatro columnas corynthias de marmore branco de Carrára fórman a columnata dos dois pavimentos superiores, tendo os dados e o entablamento de marmore vermelho de Verona, com as bases, capiteis e molduras da architrave, friso e cornija de bronze doirado. As columnas têm 86 centímetros de diametro, e 8m,60 de altura e acham-se levantadas de um metro com o dado em que repousa a base. 18 columnas formam sobre a Avenida uma varanda de 2m,30 de largura, ficando 4 em balanço e encimada por um

CAMARA DOS DEPUTADOS



frontão em cujo tympano estão as armas da Republica, em bronze esmaltado a côres. 12 columnas formam identica varanda com 1^m,70 sobre a rua Visconde de Inhaúma e as 4 columnas restantes supportam o frontão curvo da praça circular, em cujo tympano, pela mesma forma que na anterior, se repetem as armas republicanas.

Em grandes caracteres de bronze doirado, o distico «Caixa de Amortisação» se destaca, em perfeita evidencia, no friso do frontão da Avenida.

O edificio é encimado por um attico de balaustrada de marmore de Verona, tendo um passadiço metallico praticavel nas quatro fachadas.

A cantaria do pavimento terreo attinge a 7^m,50 sobre o mesmo passeio.

A porta da praça circular dá accesso ao saguão revestido de estuque lustre, em seguida a rotunda central de 19 metros de diametro, que serve de sala de espera á secção dos juros de apolices, situada á direita e dando para a Avenida Central e para a secção de troco de papel-moeda, que se acha á esquerda com frente para a rua Visconde de Inhaúma e Travessa de Santa Rita. A rotunda, abrangendo os tres pavimentos, é revestida no pavimento terreo, de paineis, de mosaico, de vidro doirado, cujo effeito é reflectir luz para as salas visinhas.

A sala da direita, destinada aos juros das apolices, mede 400 metros quadrados de área, com uma casa forte de 55 metros quadrados de área, munidas de portas do fabricante Chubb. Nella é que foram feitas as divisões para o serviço de corretoria, thesouraria e vestiario com apparatus sanitarios.

A sala da esquerda, com 350 metros quadrados de área, é destinada ao serviço do papel moeda, possuindo tambem duas casas fortes com portas dos fabricantes Remington & Sherman; tem 53 metros quadrados de área, além do vestuario e gabinete sanitario.

Defrontando a entrada, acha-se a rotunda, communicada por tres portas; adiante o vestibulo da escada, toda de cantaria, obedecendo em todos os seus ornatos e molduras á ordem dorica. Por baixo da escadaria fica o corre-

dor, dando accesso ao pontilhão do forno de incineração e á casa para corpo da guarda.

A escadaria é de granito, com dois lances curvos rematados em um só, recto, terminando na varanda que circula a rotunda no nivel do segundo pavimento, varanda circular, com 1^m,80 de largura, dando entrada, á direita, para a secção da contabilidade, com 315 metros quadrados de área, e á esquerda para transferencia de apolices, com 150 metros quadrados de área, dando a frente para o vestibulo do Inspector e a direita para a sala do chefe da contabilidade.

Duas portas, ainda, á varanda, dão accesso ao grande vestibulo, do qual, em seguimento, vem o salão da Inspectoria, espaçoso, com 18 metros por 8^m,50, e o gabinete do Ministro, com dependencias.

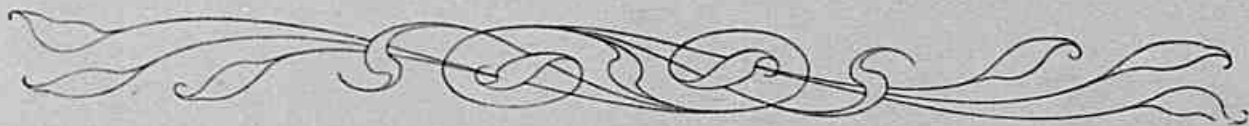
Os salões da contabilidade, transferencia de apolices e gabinete do Inspector estão providos de vestiarios com os apparatus sanitarios.

Uma escada de ferro franqueia a subida do terceiro pavimento, onde, do lado da Avenida, está situada uma sala de 440 metros quadrados, provida de vestiario e apparatus, destinados aos sorteios; do lado da Travessa de Santa Rita, fica o archivo, com 425 metros de área e portas fichet.

Fóra do edificio, e deste separado por uma passagem de cinco metros, acha-se o corpo da guarda e o pavimento do forno de incineração. Aquelle compõe-se de dois pavimentos, contendo o 1^o o refeitório das praças, salas de ordem do estado-maior, além de uma pequena área com os gabinetes sanitarios e o 2^o o alojamento das praças, arrecadações, e os gabinetes sanitarios.

O pavilhão do forno de incineração, de sólo e paredes revestidas de ladrilho esmaltado, contém o forno, de vigamento metallico.

O projecto e detalhes da construcção do sumptuoso palacete foram confeccionados no escriptorio tecnico da Commissão da Avenida Central pelo engenheiro Dr. Gabriel Junqueira, sob as ordens do Dr. Paulo de Frontin, Chefe da mesma Commissão, e do Dr. José V. Dunham, chefe de secção, cabendo a direcção das obras ao Dr. Henrique E. Couto Fernandes.



O Casamento de Gonzaga

DENTRE os mallogrados sonhadores da libertação do Brasil em fins do XVIII século, episodio que por sua importancia monopolizou o titulo de Inconfidencia com que passou á Historia, avulta sympathicamente Thomaz Antonio Gonzaga, o ex-ouvidor de Villa Rica, o dulçuroso Dirceu de Marília.

Filho de paes brasileiros, nascido comtudo na Metropole em 1744, já por occasião da trama politica não se podia considerar um joven; entretanto, havendo outros mais moços entre os conspiradores, coube-lhe dar áquella tragedia um doce perfume de poesia com a sua mallograda paixão por D. Maria Dorothea de Seixas — musa inspiradora de suas ternas endeixas.

Ha entre os historiadores duvidas sobre a co-participação de Gonzaga na Inconfidencia; querem alguns que um fortuito concurso de circumstancias o houvesse envolvido nas malhas do inquerito, não escapando á suspeita Antonio Diniz da Cruz e Silva, juiz do processo, de por ciumes literarios ter-lhe aggravado a situação; mas o certo é que não podia fugir Gonzaga á responsabilidade que tanto lhe cabia quanto aos companheiros, não lhe valendo á defeza a allegação de ser nado na metropole, o que tambem acontecia a Domingos de Abreu Vieira, amigo e compadre de Tiradentes, que este conseguiu influenciar por tal forma que em sua casa se deram varias das reuniões dos inconfidentes —; outro dos seus meios de defeza — e a meu ver o que mais o condemna — foi a insistencia com que procurou fazer o Intendente da Fazenda Regia lançar a derrama pelo total da divida dos Povos das Minas, quando elle pensára lançar sómente um anno, buscando justificar-se desse procedimento dizendo que assim tornada impossivel a cobrança pela enormidade da divida, mais facilmente attenderia a Coroa aos clamores do povo aterrado e empobrecido pelo confisco regio; ora, sabendo-se que a derrama provocando o descontentamento do povo o predisporia ao levante e com isso é que contavam os conspiradores, segue-se que quanto maior fosse a taxa a pagar por cabeça, maior seria o descontentamento e mais facil de triumphar a revolta; e tanto isso não escapou aos juizes, que assim reza a sentença da junta em relação a Gonzaga:

«Mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os Réos o lançamento da der-

rama pelo descontentamento que suppunham que causaria no povo, este Réo foi um acerrimo perseguidor do Intendente Procurador da Fazenda para que requeresse a dita derrama e parecendo-lhe talvez que não bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de hum anno, instara ao mesmo Intendente para que a requeresse por toda a divida dos annos atrazados, e ainda que desta mesma instancia queria o Réo formar a sua principal defeza, dizendo que instava ao dito Intendente para que requeresse por toda a divida por que então seria evidente que ella não poderia pagar-se e a Junta de fazenda daria conta á dita Senhora (a Rainha) como diz no appenso nº 7 fls. 17 em diante; comtudo desta mesma razão se conhece a cavillação do animo deste Réo pois para se saber que a divida toda era tão avultada que o povo não podia pagal-a e dar a Junta da Fazenda conta á dita Senhora não era necessario que o Intendente requeresse a derrama; porem do requerimento do dito Intendente é que verosimilmente esperavam os Réos que principiasse a inquietação logo no Povo, pelo menos os conjurados, e reputavão as instancias que o Réo fazia para ter lugar a Rebelião.»

Não lhe valeu a defeza, sendo que ao advogado Fagundes auxiliaram muito os seus conselhos de jurista, tanto que os derradeiros embargos á sentença condemnatoria que existem nos autos são de seu proprio punho; nem lhe valeram os versos em que elle dizia de seu algoz o Marquez de Barbacena:

“Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sans virtudes que no peito abrigas.
Não honras tão somente a quem premeias,
Honras a quem castigas.”

Gonzaga foi *honrado* com dez annos de desterro para Moçambique.

Esperanças teve-as de escapar á pena, e isso elle o diz claramente em outra *lyra*:

“Ah! minha bella, si a fortuna volta,
Si o bem que já perdi aleanço e provo
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo,
Romper a nuvem que meus olhos cerra,
Amar no céo a Jove e a ti na terra.”

Cerca de quatro annos que tantos durou o tardo processo, esteve Gonzaga em ferros, a principio na Ilha das Cobras e depois nos carceres da Ordem Terceira da Penitencia.

Foi durante essa prisão que escreveu as Lyras que delle ficaram e tão alto destaque lhe dão entre os poetas brasileiros do XVIII século e correm mundo com o titulo — Marília de Dirceu.

E o pae, e a familia
Tua familia sentida,
Vão saber, oh dor, oh magoa,
Da tua infausta partida!

Desertos duros cruentos,
Ah, lá te estão esperando,
Onde viverás somente
De magoa e dor pranteando!

Desertos duros, cruentos
Que nos seus campos adustos,
Que nos seus vastos arueiros
Não brotam ervas e arbustos.

E' o céu um céu de bronze
O sol cresta tudo e inflamma;
A morte nos densos ares
A negra peste derrama.

Leões, elephantes, tigres,
E serpentes tão somente
Respirar e viver podem
Nessa atmospherá ardente.

Nas caras terras da patria,
Por seu proprio e infausto damno,
Chora, suspira e soffre
O desgraçado africano.

Infeliz lá, alta noite,
Sente na tosea choupana,
Roubarem-lhe os teus filhos
Que o não veda lei humana.

Escravos, de livres que eram
Nos seus malfadados lares
Os leva a infame avareza
A estranhos, longes logares.

A esses crueis desertos
Irás, Dirceu, sem a amante
Que em vão jurara em teus braços
Um amor fino e constante!

Mas no funesto degredo,
Em tão remotos retiros,
Ouvirás os meus lamentos,
Receberás meus suspiros.

Até que um dia, cansada
De tanta dor e amargura,
Irei tambem esconder-me
No fundo da sepultura.

Então talvez que tu digas
—“Morreu Marília, essa amante
Que foi sempre a Dirceu grata,
Que lhe foi sempre constante”.

Porem não, não me lamentes,
Que eu mesmo desejo a morte;
E' mais suave soffrel-a,
Do que soffrer esta sorte.

Assim a rola que geme
A piar na triste selva,
Cae ferida pelo tiro,
Tinge de seu sangue a relva.

Bate as empennadas azas,
E os olhinhos revira,
E, porque nunca mais gema,
Com a sua dor expira.

Vãos juramentos; vãs promessas!
Marília morreu em 1853, contando 86 an-
nos de idade.

Dirceu partiu em 22 de Maio de 1792 para Moçambique a bordo da fragata «Princeza de Portugal» e mal lá chegando casou-se com D. Juliana Mascarenhas, gentil moçoila que não lhe podia ler os versos por ser analphabeta, conforme demonstra o documento seguinte existente na Bibliotheca Nacional:

Attesto de casamento de D. João Dirceu e D. Juliana Mascarenhas
de meu selo. Casado no dia 22 de Maio de 1792
de Moçoila com o Capitão de Moçambique na fragata de
ellatua sendo presente o Sr. D. João Dirceu
no geral e Sr. D. João Francisco Rodrigues
Comisario e Sr. D. João Francisco Rodrigues
escriitor e Sr. D. João Francisco Rodrigues
Antonio Janga e D. Juliana de fozza Mascarenhas
presente como Sr. D. João Dirceu foi este como eu sou
cruid que o escrevi

Deprimente de Crisobante
No dia 22 de Maio de 1792 casou-se o Sr. D. João Dirceu com
D. Juliana Mascarenhas e Sr. D. João Francisco Rodrigues
Comisario e Sr. D. João Francisco Rodrigues
escriitor e Sr. D. João Francisco Rodrigues
Antonio Janga e D. Juliana de fozza Mascarenhas
presente como Sr. D. João Dirceu foi este como eu sou
cruid que o escrevi

Attesto de casamento de D. João Dirceu e D. Juliana Mascarenhas
de meu selo. Casado no dia 22 de Maio de 1792
de Moçoila com o Capitão de Moçambique na fragata de
ellatua sendo presente o Sr. D. João Dirceu
no geral e Sr. D. João Francisco Rodrigues
Comisario e Sr. D. João Francisco Rodrigues
escriitor e Sr. D. João Francisco Rodrigues
Antonio Janga e D. Juliana de fozza Mascarenhas
presente como Sr. D. João Dirceu foi este como eu sou
cruid que o escrevi

Ali pareceu se apurar a intensa paixão que nutria pela Musa de Villa Rica. E trocavam-se os versos, si verdadeira é a versão que a Marília attribue os versos que figuram juntos aos de Gonzaga na collectanea de suas obras, que almas piedosas se encarregavam de levar ao seu destino.

Dizia Marília:

“Alli de ferros coberto (*)
Partiu para longe terra,
Aonde horrenda masmorra
Segregando-o ao mundo o encerra,
E mal deixa-o respirar;
Dalli o triste me envia
Os seus suspiros saudosos,
Os seus queixumes sentidos,
Os seus gemidos chorosos,
Que cá não podem chegar.
Meus queixumes de saudade
Não venha alguém escutar:
Ah! echo, por piedade
Não m'os vás tu divulgar!

Geme o pae, geme a família
Em pezares mergulhada,
Geme toda Villa Rica,
Em tristeza sepultada
Por seu injusto penar
E a triste amante chorosa
Nem mesmo pode carpir-se,
Com a dor occulta no peito
Vê-se obrigada a sorrir-se
Para seu mal disfarçar.
Meus queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah! echo, por piedade
Não m'os vás tu divulgar!”

Respondia Gonzaga:

Nesta triste masmorra
De um semi vivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura!

Veio por fim a sentença que Gonzaga communica á amante, nos seguintes maviosos versos:

Leo-se-me emfim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeus, Marília adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi,
E a pena que então senti,
Justos céos, não sei dizer.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

(*) Refere-se á varanda da casa de Gonzaga em que elle passava as tardes contemplando-a.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma e por negação,
Me está dizendo a desgraça,
Que nunca mais te hei de ver.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Por deixar os patrios lares
Não me fere o sentimento;
Porem suspiro e lamento
Por tão cedo te perder.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Não são as honras que perco
Quem motiva a minha dor,
Mas sim ver que o meu amor
Tal fim havia de ter.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

A mão do fado invejoso
Vae quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços
Com que amor nos quiz prender.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Pode de ti separar-me,
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.
Ausente de ti, Marília,
Que farei? Irei morrer.

Versos assim respondidos por Marília:

Como mente e engana o sonho
Da humana felicidade!
Mas o sonho da desgraça
Torna-se sempre verdade.

De ser, Dirceu, tua esposa
Tenho perdida a esperança;
Em mares de dor e magoa
A sorte cruel me lança.

E o tio me diz agora (*)
Que não quer, que não consente
Que eu jamais esposa seja
De um réo, de um inconfidente.

Em balde lhe digo quanto
Me dizes em teu abono.
Não é contra um sceptro justo
A alma digna de um throno.

Elle me volta, que partas,
Que partas p'ra teu destino.
E cumpras tua sentença
Segundo o fado ferino.

(*) João Carlos Xavier da Silva Ferrão Ajudante de Ordens do Governador tio e tutor de Marília, que animára os seus amores com o magistrado da Relação da Bahia e revoltou-se contra elle ao vel-o preso e desgraçado.

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura 15\$000

Encadernado em marroquim . . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

**A VEDDA DA
RUA DA ALFANDEGA. 24**

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTÍSTICAS, TRABALHOS

COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,

CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24 RUA DA ALFANDEGA, 24

• • • • • RIO DE JANEIRO • • • • •